

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APP AI

... CORREIOS ...



PROFESSOR, SE O SEU ALUNO É DAQUELE QUE ENROLA PRA TERMINAR A LEITURA DO LIVRO, DIZ QUE NÃO TEVE TEMPO, QUE É CHATO... ENTÃO, VOCÊ PRECISA LER O ESPECIAL LEITURA, PREPARADO EM COMEMORAÇÃO À 100ª EDIÇÃO DA REVISTA APPAI EDUCAR

E MAIS:

EM TEMPOS DE JOGOS OLÍMPICOS, O HÓQUEI SOBRE A GRAMA É DESTAQUE EM ESCOLA DO RIO

DESCUBRA O QUE ESTÃO FALANDO NAS NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS NA NOVA EDITORIA "ROLOU NA WEB"

APRENDA A TRANSFORMAR O WHATSAPP EM UM RECURSO DIDÁTICO PARA OS ESTUDANTES



EM COMEMORAÇÃO A SUA 100ª EDIÇÃO, REVISTA APP AI EDUCAR LANÇA NOVO PROJETO GRÁFICO

Julio Cesar da Costa
Editor Revista Appai Educar

Dos barulhos das máquinas rotativas ao silêncio das atuais, as multifaces do jornalismo impresso têm sido seu principal conteúdo para reescrever, em cada linha, a sua própria história. Nesse cenário de tinta, informação e papel, a Revista Appai Educar, em seus 19 anos de apoio à educação, lança em sua 100ª edição o seu novo projeto visual.

Dez anos depois da última reforma gráfica, a Revista se reapresenta mais moderna, atraente e agradável de ler. O novo leiaute reafirma a máxima de que, assim como o cinema não acabou com a fotografia, a televisão não representou o fim do rádio, a internet também não será o ponto final nas linhas das publicações impressas.

E nesse movimento vibrante do jornalismo visual, comum em tempos de internet, repensar o impresso é sempre uma pauta instigante e desafiadora. Em doze meses de trabalho de reformulação, o projeto evoluiu sempre com a preocupação de manter a característica expositiva, didática e pedagógica dos projetos divulgados pelas escolas, o que para a Revista Appai Educar, além de ser o diferencial no nicho educativo, é a ponte para o fortalecimento e a credibilidade do relacionamento com o seu leitor.

Num tempo em que as notícias transitam em várias plataformas, as mudanças visam tornar a Revista mais dinâmica em sua leitura, com uma hierarquia na arquitetura da sua informação, que deixa mais fácil a localização das editorias, notícias e artigos, explorando os espaços em branco como artífices nessa imersão no maior prazer da leitura.

O encarte de oito páginas, dedicado aos benefícios da Associação, que é entregue junto com a Revista, também ganhou uma nova roupagem. Repensado como um material no qual a informação precisa ser rápida, sem perder a objetividade, foi aberto mais espaço em sua diagramação para as imagens e a fotografia, sendo o texto curto um complemento dessa interação sobre o que é e o que está acontecendo de novidade nos benefícios da Appai disponibilizados aos associados.

Como editor da Revista Appai Educar, entendo que o novo Projeto Gráfico não muda o nosso compromisso com a informação séria, educativa, colaborativa, participativa e detalhadamente trabalhada para levar e agregar conhecimento, formação e capacitação à comunidade escolar. Mas reforça ainda mais a nossa postura e olhar de quem vê na educação o voo para a liberdade de sonhos, opiniões e realizações para um futuro melhor. Aos nossos criativos da Comunicação, responsáveis pela idealização desse novo momento; a você, professor, alunos e todo profissional de educação; aos nossos colaboradores e parceiros nessa caminhada, muito obrigado!



Opinião

Caminhos do educador na sociedade líquida

Victor Hugo Abril¹

Em setembro de 2015 participei do encontro de educação promovido pelos jornais do grupo Globo. Centrei a análise na conferência de encerramento do sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman.

Lá estava eu, sentado na terceira fila, apreciando o autor que li e reli durante anos. Sua experiência e vivacidade, a forma de explicar como a tecnologia influencia na educação, com seus prós e contras, além de uma erudição de causar inveja: inveja positiva.

Com as falas do professor Bauman fui ligando o passado ao presente naquela palestra. Para ele, o professor-educador de hoje não é mais o detentor de todo o saber de outrora. Ele está compartilhado com a internet. Por que mandar ler o livro todo se o aluno pode ver fragmentos em uma simples pesquisa no *Google?*, interrogava o pensador. Ali, sentado, lembrei-me de reuniões em escolas das quais muitos colegas professores reclamavam do déficit de atenção dos alunos, da falta de educação e desrespeito ao mestre repassando a matéria e forçando a exclusividade de seu conhecimento.

O problema não era o déficit de atenção dos alunos, e sim nosso déficit sobre “a modernidade líquida”, ou seja, estamos passando de uma era de grupos de referência predeterminados a uma outra de comparação universal, “em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual está endêmica e incuravelmente subdeterminado, não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim do indivíduo”.

¹ Victor Hugo Abril é doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), palestrante e autor de periódicos e livros nas áreas de História, Pesquisa e Educação. Atualmente, professor do ensino a distância de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.



O rádio e a integração nas escolas

Tércio Saccol²

A educomunicação é uma área constantemente revisitada nos últimos tempos, tanto entre autores do campo da pedagogia quanto por trabalhos teóricos de comunicólogos. Ampliado e desenvolvido pelo pesquisador Ismar de Oliveira Soares, o conceito passou da mera leitura crítica dos meios para mediação de tecnologias, gestão de comunicação em espaços de educação, expressão de comunicação e reflexão sobre as relações entre comunicação e educação. Em um universo permeado por dispositivos móveis, fragmentação de atenção, transformações nos processos de aprendizagem e concentração e, por consequência, no próprio papel exercido por nós, pensar a relação da educomunicação nas práticas pedagógicas é cada vez mais fundamental.

O rádio, tradicional mídia muitas vezes esquecida em detrimento dos estímulos visuais e interativos, cumpre nesse contexto um papel preponderante. Segue comum (felizmente!), no nosso 2016 crivado de inovações tecnológicas, a inserção de rádios poste, rádios comunitárias, emissoras *on-line* e até *podcasts* produzidos, pensados e veiculados por alunos. Além de facilitar a compreensão de lógicas de emissão, seleção de fatos, interesse público e comunicação, as atividades de rádio nas escolas contribuem para integração entre estudantes e com a comunidade, uma meta tão perseguida em tempos de crescente individualismo.

Veja estes artigos na íntegra na edição *on-line*.

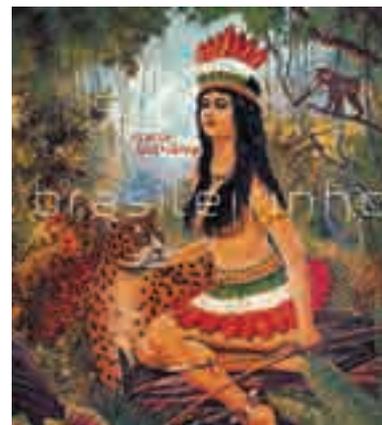
² Mestre em Comunicação Social pela PUCRS, Professor do curso de jornalismo da PUCRS, Especialista em Economia Brasileira e Globalização pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Especialista em Gestão de Marketing pelo Instituto Brasileiro de Gestão em Negócios. Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Tema Transversal

NOS ACORDES DOS “BRASIS”

Músicas de Maria Bethânia introduzem alunos no mundo da leitura, poesia e arte





O CD *Brasileirinho* foi usado como base do projeto e inspirou alunos e professores na produção de diversos trabalhos

“**C**omovida com a acolhida, encantada com a originalidade e criatividade, e muito, muito vaidosa de ver em meu país o ouvido atento e educado, para com o que o outro diz, na sua nua verdade”. Foi assim que Maria Bethânia agradeceu ao

projeto criado em sua homenagem pelos alunos do Colégio Estadual Vicente Jannuzzi, localizado na Barra da Tijuca. A iniciativa tem como objetivo introduzir o aluno no mundo da leitura, poesia e arte usando a música como estratégia e ferramenta. Além disso, pensar na escola como lugar de mudança e transformação, atitude que se traduz no cultivo de hábitos capazes de influenciar no mundo em que se vive.

A ideia do projeto, intitulado de *Brasileirinho*, surgiu em 2004 quando a professora de Filosofia Vânia Corrêa foi assistir ao *show* homônimo da cantora. “Lá eu me encantei com toda brasilidade histórica contida naquele repertório – Bethânia inaugura o espetáculo falando dos índios, os verdadeiros donos de nossa terra, fala do encontro do índio com o homem branco; da cultura indígena – Tupi, Guarani, Jurema – o canção popular na poesia de Guimarães Rosa, do sertão mineiro rigoroso. Na voz da cantora perpassa-se o século XIX chegando até nós no século XXI em forma de poesia, protesto, crítica e reflexão. O *Brasileirinho* de Bethânia é o Brasil que se desdobra em perfis de vários ‘brasis’. Foi aí que pensei:

Vou pegar tudo isso e levar para sala de aula”, relembra Vânia.

Segundo a educadora, foram trabalhados conteúdos de História e Filosofia que pudessem dialogar com o CD *Brasileirinho*. “Esse processo se deu de maneira informal na escola, de maneira lúdica e prazerosa, sem cumprir apenas aquela rigidez dos currículos engessados do Ensino Médio, já que eu poderia também trabalhar as músicas na sala de aula como temas interdisciplinares que favoreceriam o entendimento do aluno quanto a sua história, o seu entorno socio-cultural”, explicou a docente.

No início, Vânia contou com a ajuda da professora de Português e Literatura Célia Lima, que estava naquele mo-

mento na sala de Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE). Com isso, a educadora pôde apresentar a cantora aos alunos através de mídias como CD, DVD, computador e vídeos diferenciados. Com o tempo ela também conseguiu o apoio da professora de Espanhol Jacqueline Campos, com quem dividia (e ainda divide) as mesmas turmas. Assim Vânia, Célia e Jacqueline conseguiram realizar um trabalho integrado.

Desenvolvido com cerca de 8 turmas de Ensino Médio (segundo e terceiro ano), o projeto tem como objetivo levar o universo da leitura para além dos muros da escola, como família, comunidade, bairros e praças, fazendo do ato da leitura compartilhada dentro e fora da sala de aula uma

prática contínua e necessária para interação entre o visual e o literal, a imagem e a escrita. “Buscamos também utilizar os recursos das novas tecnologias da comunicação (computadores, *notebooks*, celulares, *iPhones*) como pontes e caminhos para produção literária e artística. O importante nesse objetivo é não ver esses recursos como ‘concorrentes’, mas como auxiliares na sala de aula dentro da proposta do professor”, ressalta Vânia.

A iniciativa abordou disciplinas como Língua Portuguesa, Literatura, História, Filosofia e Artes. De acordo com Vânia, todos os objetivos iniciais foram alcançados. “A proposta de se incentivar a leitura na escola através do repertório da cantora



“Obrigada por me deixar ver a utilidade de meu trabalho, o motivo para estar sobre o planeta. Um dia inesquecível, chego a achar que Deus reconhece minha sinceridade e entrega, quando solto a voz que a Ele pertence”

– Maria Bethânia.

Maria Bethânia se tornou um grande desafio que, com muita esperança, otimismo e determinação, foi sendo vencido dia após dia. Considerar o projeto com um ponto final é impossível, pois nos próximos anos receberemos mais e mais alunos com problemas e obstáculos envolvendo o campo da leitura, escrita e interpretação. Porém, os caminhos e trilhas foram inaugurados. Com esse projeto aprendemos a começar ou recomeçar nossa história na escola. Os estudantes aprenderam a ler as inferências, aquilo que não está escrito, mas que pode ser deduzido. A música oferecida pelo aluno se tornou um intercâmbio, um diálogo com a música oferecida pela professora e nesse ‘troca-troca’ ambas as partes saíram ganhando”, garante a educadora.

Outro ponto que a professora ressaltou foi a importância de participar de eventos extraclasse como *shows*, premiações, visitas a museus, casas de cultura, locais como o Paço Imperial, além da apresentação para os colegas de outras turmas. Todos esses fatores somados, segundo Vânia, elevaram a autoestima de



Uma maneira lúdica e prazerosa de trabalhar a partir das músicas como temas interdisciplinares que favoreceriam o entendimento do aluno quanto a sua história



alunos e professores. “E acabou com aquela velha história de que a escola pública está destinada ao fracasso. Com muito orgulho os pais receberam as notícias de sucesso de seus filhos, pois foram muitos depoimentos e histórias narradas. A ideia dos jovens de escrever um livro, editar pela escola, ainda que de maneira simples, também ecoou de forma positiva e criou um laço entre todos os integrantes – sejam professores, funcionários, pais ou responsáveis”, enumerou a docente.

Atualmente, Vânia está concluindo a cartilha do projeto

Brasileirinho e pretende colocá-la à disposição de professores que desejarem trabalhar o repertório da cantora Maria Bethânia em sala de aula ou de outros compositores/cantores brasileiros que podem ensinar muita coisa a respeito de nossa história, memória e tradições. “A cultura do Brasil é riquíssima. A nossa música é um grande orgulho e como professores temos que ter esse ‘auxílio luxuoso’ em sala de aula. A escola tem que ser um espaço de criação, de bem-estar, de alegria – nos encontramos todos os dias por lá. Por isso, devemos ter

o prazer do encontro. Um projeto, uma proposta nova, representa esse estado, esse encontro!”, enaltece a educadora.

A professora e colaboradora do projeto, Célia Lima, vibra com a motivação e a participação dos alunos durante todo o processo. “É nítido ver como eles ficaram envolvidos. As abordagens feitas até então vieram fomentar uma harmonia que os libertou não só das paredes das salas de aula, nas culminâncias vivenciadas, mas também a descobrir a literatura como instrumento de comunicação e inte-



ração social, cumprindo o papel de transmitir conhecimentos de uma sociedade e atravessar diferentes mundos sociais. Como professora de Literatura venho dando as mãos à Filosofia, numa permissão de ousadia que só o amor pelas artes é capaz de acrescentar”, garante Célia.

A cantora e compositora brasileira Maria Bethânia, que pôde acompanhar de perto o projeto em sua homenagem, fez questão de agradecer o carinho: “Obrigada por me deixar ver a utilidade de meu trabalho, o motivo para estar sobre o planeta.

Receba junto aos professores, alunos, diretoria, todos enfim, que colaboraram para a conquista do direito de expressão, meu aplauso e gratidão. Um dia inesquecível, chego a achar que Deus reconhece minha sinceridade e entrega, quando solto a voz que a Ele pertence. Lindo resultado,

lindo prêmio que você e seus meninos, alunos, me deram. A luz banhe os caminhos seus, nossos. Minha mãe, lá dos jardins do céu, ainda está aplaudindo. Obrigada a todos. Deus vos guarde”, finaliza Maria Bethânia.

■ *Por Jéssica Almeida*

Colégio Estadual Vicente Jannuzzi

Avenida das Américas, 6.120 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22793-080

Tels.: (21) 2333-4430 / 2333-4432

E-mail: cvicentejannuzzi@educacao.rj.gov.br

Professora responsável: Vânia Corrêa

Fotos cedidas pela escola

“SER ÍNDIO NÃO É OU PINTADO, NÃO QUE SE VESTE”

Especialistas questionam algumas práticas de ensino que reforçam o indígena como um ser à parte da sociedade ocidental



Foto disponível em: Foto de <http://brazigzag.com>, mujer yanomami de Brasil.

ESTAR NU É ALGO



Através de videoconferência, projeto uniu aldeia e comunidade escolar do Rio, proporcionando uma vasta troca de conhecimentos culturais

Uma ideia estabelecida para a maioria dos brasileiros é que a história do país tem início em 22 de abril de 1500. O que aconteceu antes disso, o domínio da “pré-história”, seria um pouco vago e praticamente irrelevante para o posterior desenvolvimento do Brasil, merecendo poucas páginas nos livros didáticos. A verdade é que esse pensamento parece equivocado, pois até hoje temos contato com a comunidade indígena, seja fisicamente ou consumindo sua essência cultural através da antropologia, fato que deve ser muito discutido em sala de aula com o intuito de enriquecer a bagagem cultural, bem como para quebrar paradigmas acerca dos mitos sobre os povos indígenas.

Especialistas questionam a maneira como algumas práticas têm sido conduzidas em sala de aula e afirmam que, além de reproduzir antigos preconceitos e estereótipos, não geram aprendizagem alguma. O indígena trabalhado pedagogicamente é, muitas vezes, aquele de 1500 e parece que ele só se mantém índio se permanecer daquele modo. Para mudar essa realidade é preciso mostrar que ele é contemporâneo e tem os mesmos direitos que nós, “brancos”, o que ratifica o pensamento da antropóloga Majói Gongora, do Instituto Socioambiental, quando diz “Ser índio não é estar nu ou pintado, não é algo que se veste. A cultura indígena faz parte da essência da pessoa. Não se deixa de ser índio por viver na sociedade contemporânea”.

Para trabalhar a temática em sala de aula de forma inovadora, promovendo reflexão e saindo da mesmice, é bom frisar alguns



As apresentações culturais foram sugeridas por um aluno indígena, abordando danças, vestimentas e conceitos de sua tribo

tópicos. Realizar uma discussão sobre a cultura indígena usando fotos, vídeos, música e a vasta literatura de contos nativos é uma ótima opção para dar o pontapé inicial. Mas é importante ressaltar que não se deve reproduzir preconceitos em sala de aula, como o de mostrar o indígena como um ser à parte da sociedade ocidental, que anda nu pela mata e vive da caça de animais selvagens. Mostre à turma que se trata de um povo que não vive mais como em 1500. Hoje, muitos têm acesso à tecnologia, à universidade e a tudo o que a cidade proporciona, fato que não os impede de serem indígenas e de preservarem sua cultura e costumes.

Sempre recorra a exemplos reais e explique qual é a etnia, a língua falada, o local em que vivem e os

hábitos praticados. Explique que o Brasil tem em torno de 230 povos indígenas, que falam cerca de 180 idiomas. Cada etnia tem sua identidade, rituais, modo de vestir e de se organizar. Não se prenda a um grupo apenas. Fale, por exemplo, dos Ashinkas, que têm ligação com o império Inca; dos povos não contatados e dos Pankararu, que vivem na Zona Sul de São Paulo.

Não tente reproduzir as casas e aldeias de maneira simplificada, com maquetes de “ocas”, pois essa é uma palavra tupi, que não se aplica a outros povos. O formato de cada habitação varia de acordo com a etnia e diz respeito ao seu modo de organização social. Prefira mostrar fotos ou vídeos.

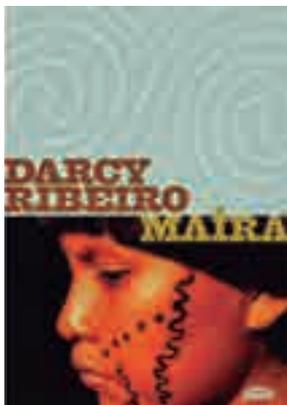
Um ponto bastante importante é expandir a discussão sobre o índio, não

deixando apenas para o 19 de abril. A Lei 11.645/08 inclui a cultura indígena no currículo escolar brasileiro. Por que não inserir no planejamento de História, de Língua Portuguesa e de Geografia discussões e atividades sobre esse tema, ao longo de todo o ano? Procure material de referência e elabore aulas que proponham uma discussão sobre a cultura indígena ou sobre elementos que ela emprestou à nossa vida cotidiana, seja na língua, na alimentação, na arte ou na medicina.

Debata sobre o que podemos aprender com esses povos. Em relação à sustentabilidade, por exemplo, como poderíamos aprender a nos sentir parte da terra e a cuidar melhor dela, tal como fazem e valorizam as sociedades indígenas?

5 obras indígenas para trabalhar em sala de aula

Professor, para que você tenha um suporte literário na hora de construir seu projeto pedagógico sobre os povos indígenas, selecionamos 5 obras para trabalhar com os alunos. Através desses livros, a turma pode elaborar atividades de redação, montagem de maquetes, peças teatrais, além de seminários expondo o conteúdo estudado e um espaço dedicado à opinião dos estudantes.



Maíra

(Darcy Ribeiro, 326 págs., Ed. Global)

Em “Maíra”, o escritor revive as emoções dos anos em que conviveu com índios e narra a história de um deles que, adotado por um padre e convencido a seguir o sacerdócio, questiona sua verdadeira fé e entra em conflito por ter abandonado seu povo. Saiu de sua aldeia ainda menino e foi morar em Roma. Quando retorna para sua tribo, acompanhado da carioca Alma, vive momentos intensos na busca da integração com seu povo. Seu drama, em alguns momentos, desperta no leitor indignação e mostra a riqueza da cultura indígena e sua inadequação aos valores da sociedade cristã. A história tem início com uma investigação policial, mas conduz à busca das identidades culturais brasileiras, em uma narrativa cuja confluência de discursos é projetada no capítulo final.



Câmera na Mão, o Guarani no Coração

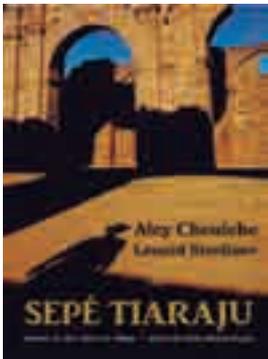
(Moacyr Scliar, 120 págs., Ed. Ática)

Ler “O Guarani”, de José de Alencar, constitui desafio para muitos jovens. Contudo, o texto de Scliar pode promover o interesse pela obra do escritor cearense. Em uma linguagem contemporânea, o narrador conta, em primeira pessoa, como foi motivado à leitura do romance, chegando a produzir um filme e concorrer a um prêmio. O que o leitor acompanha, porém, é a trajetória do personagem que vai aos poucos se transformando em leitor, não só de livros, mas de discursos, estereótipos, realidades sociais e contextos culturais. O personagem e seus amigos leem “O Guarani” e o leitor também o faz, enquanto todos aprendem a apreciar criticamente a construção do índio pela literatura do século XIX.



Wamrême Za'ra: Nossa palavra – Mito e história do povo xavante
(Sereburã, Hipru, Rupawê, Serezadbi e Sereñimirâmi, 180 págs., Ed. Senac)

Este livro traz a voz desse povo, 50 anos após os primeiros contatos com o branco. São traduzidas narrativas da história oral Xavante que constituem parte significativa de sua memória coletiva. Integram a obra desenhos que mostram aspectos de seus mitos e de seu cotidiano, além de fotografias que documentam circunstâncias históricas dos contatos com o branco, ocorridas há meio século, e também cenas atuais da vida desse povo. Em edição bilíngue, o texto é acompanhado por desenhos de jovens artistas da aldeia, fotos dos xavantes e dos warazu, não índios, e por um panorama histórico que vai do século XVI ao XX.



Sepé Tiaraju: Romance dos Sete Povos das Missões
(Alcy Cheuiche, 295 págs., Ed. Age)

Há obras que buscam reconstruir, pela ficção, figuras indígenas heroicas. É o caso do romance que, narrado pela perspectiva de um jesuíta, em um vaivém da memória, destaca a resistência dos Sete Povos das Missões (RS) e de um dos líderes e guerreiros indígenas do Sul do Brasil, Sepé Tiaraju. No texto, ele é apresentado pela visão do colonizador, Michael, ou Padre Miguel. Seu olhar constrói o herói indígena e a história da colonização desses povos pela missão catequizadora dos jesuítas e pela política europeia. Documentos históricos, como os tratados de Tordesilhas e de Madrid, além de conflitos e migrações indígenas, formam o contexto da obra.



Amazonas: Pátria da água
(Thiago de Mello, 164 págs., Ed. Boccato)

O livro do amazonense Thiago de Mello, com fotos de Luiz Cláudio Marigo, intercala prosa, poesia e imagens para contar a história do Rio Amazonas e como a floresta e a população ribeirinha dependem dele para sua subsistência. A obra leva o leitor a uma viagem desde seu nascimento através das águas de degelo dos Andes e a chegada de Vicente Pizón em 1500, até a guerra com a água salgada do Oceano Atlântico, os dias atuais e o alerta quanto à importância da preservação para o bem de toda a humanidade. O poeta descreve com suavidade a beleza a tristeza das águas, da floresta, das plantas e dos animais da Amazônia e trata de seus espíritos protetores, que tentam defendê-la da ganância, do lucro, da caça predatória. Retrata ainda os cantos dos índios, suas angústias e sofrimentos, mas anuncia a esperança de que a vida ainda pode ser salva.

Chapecó tem a primeira eleição eletrônica para escolha de cacique

Indígenas que vivem em terras catarinenses estranharam a nova forma para eleger o futuro cacique



A cidade catarinense teve a primeira eleição indígena com urna eletrônica no Estado. Atual cacique da Terra Indígena Toldo Chimbanguê, Idalino Fernandes foi reeleito com 164 votos. Seu adversário, João Batista Antunes, teve 85. Foi a primeira vez que o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do estado atuou em eleições indígenas.

Apesar do avanço, nem todos os índios compartilharam opiniões positivas a respeito da mudança. Juvenal Antunes, 65

anos, aposentado, não gostou da urna eletrônica porque, segundo ele, não se sabe para onde vão os votos. “Antes era só contar as sementes”, defende ele.

Os índios escolhiam os candidatos utilizando grãos de milho e feijão. Cada um era representado por uma semente, que eram colocadas em uma espécie de caixa, representando a urna, e depois contadas. O candidato vencedor, que está em seu terceiro mandato, já participou das três formas de eleição: com sementes, cédulas de papel e agora com urna eletrônica.

A chefe de cartório do TRE, Adriana Ferreira, explica que não há outro caso como esse no Estado e que a mudança vai trazer transparência e democracia. Segundo ela, o cartório é responsável pela urna e treinamento dos mesários, que são os próprios indígenas, acompanhados da Funai (Fundação Nacional do Índio). Também são de responsabilidade da Justiça Eleitoral o fechamento da urna e a apuração dos votos ao final das eleições.

Dinante: um aluno xavante na cidade grande



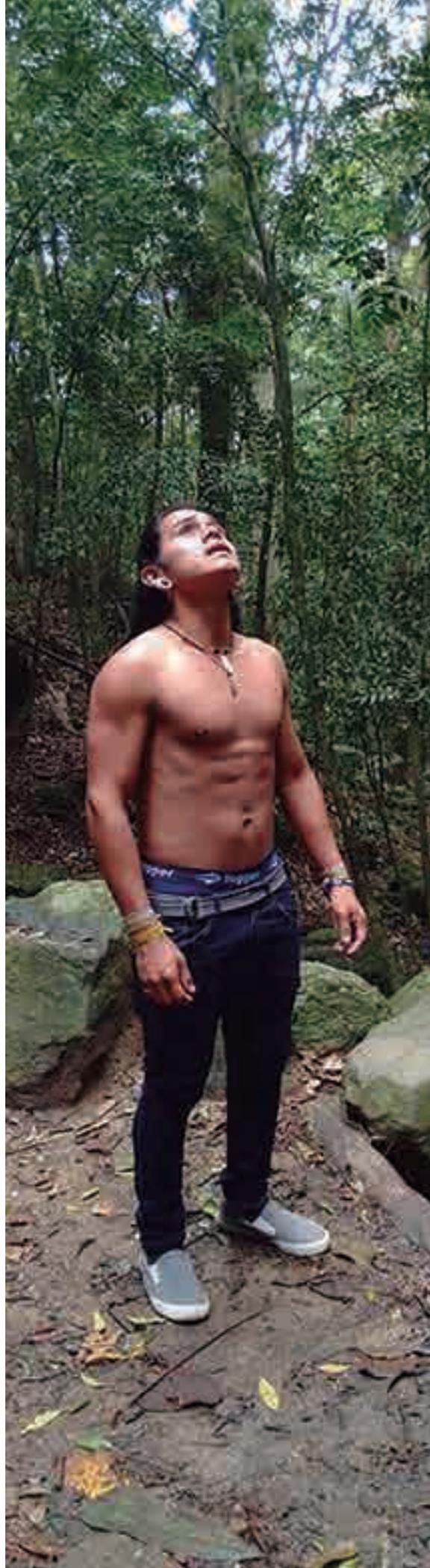
A partir da oficialização da matrícula de Dinante, diversas reuniões foram operadas envolvendo direção, equipe pedagógica, professores e coordenadores da escola

A chegada do estudante Dinante Tserenhitomora ao Colégio Estadual Maria Nazareth Cavalcanti Silva em Cascadura causou um alvoroço entre os alunos da unidade escolar. Nascido e criado na Aldeia Eitpore no estado do Mato Grosso, o jovem de origem indígena abdicou da vivência na sua tribo alimentado pelo sonho de estudar na cidade grande. Com o apoio dos pais, Dinante chegou ao Rio de Janeiro e começou com o pé direito. O que ele não esperava é que fosse, além de aprender novos estudos, ensinar acerca de sua cultura.

Através de um sonho, Dinante descobriu que queria estudar no Rio. “Conversei com meus pais e eles aceitaram”, revela o jovem. Conversando com o amigo Josué, que prontamente o ajudou em sua decisão, foi providenciado que ele fosse acolhido na casa de sua família no Rio de Janeiro. Assim, a família de Josué seria também a família de Dinante.

Assim que chegou no Colégio, o jovem estranhou muito o comportamento dos estudantes, principalmente no que diz respeito a algumas atitudes em relação aos professores. Alunos das escolas indígenas respeitam muito seus educadores e não elevam a voz. Na cidade grande, essa noção é um pouco diferente.

Por intermédio do diretor da escola indígena David Airero, Josué Nogueira, e da professora Valéria Plaisant, do Maria Nazareth, foi possível realizar a matrícula do jovem, que entrou para o segundo ano do Ensino Médio. A partir da oficialização, diversas reuniões foram



Dinante sonhava com o Rio de Janeiro, mas nem imaginava o que lhe aguardava. A sua vinda proporcionou à escola um evento pedagogicamente grandioso quando o assunto é cultura e inclusão

operadas envolvendo direção, equipe pedagógica, professores e coordenadores da escola, além das Secretarias de Estados de Educação do Rio de Janeiro e do Mato Grosso, com o intuito de proporcionar acompanhamento e integração ao novo aluno. Até mesmo uma parceria com o Núcleo de Adolescentes da Uerj (Nesa) possibilitou o auxílio na parte psicológica de Dinante, se desdobrando na área médica, através de atendimentos na Unidade Hospitalar da Policlínica Piquet Carneiro, também ligado à universidade estadual, com a realização de exames médicos e acompanhamentos com profissionais da área de saúde. Já a professora de Biologia Janete Rosa, integrante da Equipe Master de Atletismo, levou o jovem para treinamentos no Estádio do Engenhão, onde pratica atividades duas vezes por semana.

Durante o ano letivo de 2015 foi criado um Comitê Étnico-Racial sob a coordenação do professor Daniel Coordeiro de Melo. A partir dele, foi possível planejar uma gama de projetos pedagógicos que futuramente seriam inspirados no novo estudante. O grupo, então, passou a acompanhar todo o processo de aprendizagem desenvolvido com o aluno indígena na escola.

“*Terra: Planeta Água*” foi o primeiro projeto que uniu a aldeia e a comunidade escolar do Rio. Através de videoconferência, foi possível realizar uma aula simultaneamente entre os dois locais. Essa atividade aconteceu na Nave do Conhecimento, localizada no Parque Madureira, com a presença do Núcleo de Tecnologia Educacional, representado pela educadora Patrícia Oliveira, que serviu de apoio para consumir o evento. Após a videoconferência, reuniões foram acertadas com o Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet) e, como resultado, a escola se empenha para participar das futuras feiras tecnológicas.

Já o consagrado evento de moda Maria Fashion Week teve o brilho da Aldeia Eitpore com modelos caracterizados de xavantes. Desde a origem da escola, sob a coordenação da educadora Janete Rosa, o projeto pedagógico partiu de uma conversa informal com alunos para exibir as práticas sustentáveis da escola em forma de desfiles, sempre usando materiais reciclados e reutilizados. Na ocasião, o desfile contou com a presença marcante de Dinante, que ensinou aos alunos da produção do desfile os hábitos e costumes da tribo, bem como a pintura e caracterização das índias e índios. “Foi um dos melhores desfiles apresentados na escola”, afirma a diretora-geral Simone Assafi. Para a diretora adjunta Adriana Bastos, “além de aguçar a curiosidade dos alunos e professores sobre a cultura dos xavantes, percebemos que a participação foi intensa. Inclusive, não mediram esforços para aprender, interagir e apresentar as danças indígenas a caráter, sem constrangimentos no dia da culminância”, surpreende-se a educadora.

A Professora Janete Rosa fala com muita emoção de seu envolvimento intenso na produção do desfile. “Os alunos a cada ano aproveitam as oportunidades, através dos avanços tecnológicos, e isso faz com que o desfile supere os anos anteriores.





O tradicional evento pedagógico "Maria Fashion Week" teve exposição disponibilizando para os alunos as variações típicas de vestimenta indígena

Todo ano eles trazem novas ideias, totalmente sustentáveis e com a ajuda do Grupo NazarethSustentavel.com, onde organizamos tudo com muito carinho", ratifica.

Após saber do projeto, Dinante se organizou e pediu para trazer da aldeia objetos indígenas para o evento. Os estudantes confeccionaram as saias que foram usadas pelas alunas, representando as índias xavantes. "Sou uma pessoa simples, gosto de ajudar. O projeto vai ficar na minha memória para sempre. Percebi que consegui auxiliar muito", orgulha-se o jovem indígena.

Membro do grupo desde que chegou à escola, Dinante Tserenhitomora participa de todas as atividades externas, que têm como objetivo as pesquisas de campo para os projetos sustentáveis da própria unidade escolar. No início do ano letivo as professoras Valéria Plaisant (Inglês), Janete Rosa (Biologia), Janice Rosa (Biologia), Vera Fernandes (Educação Física), Lyzandro D'All Stella (Arte) e Adriana Bastos (Direção), junto com os alunos do grupo, escolhem os lugares que serão visitados para as pesquisas referentes ao projeto da escola, sempre seguindo o Projeto Político-Pedagógico da instituição e os conteúdos do currículo mínimo de cada disciplina envolvida. Neste ano, o primeiro espaço escolhido foi o Museu de Arte Moderna (MAR). Dinante e seus amigos aprenderam sobre a história do Rio de Janeiro de uma forma lúdica, através das exposições.

■ Colaboração: Richard Günter

Fontes: Domínio Público | Carta Educação | Globo.com

Colégio Estadual Professora Maria Nazareth Cavalcanti Silva

Rua Barbosa, 229 – Cascadura – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21350-020

Tel.: (21)2333-9550

E-mail: cemarianazareth@oi.com.br

Professora responsável: Valéria Plaisant

Fotos cedidas pela escola



*Orientação Educacional /
Língua Estrangeira*

INGLÊS NA PONTA DA LÍNGUA

Dicas e estratégias que funcionaram para professor autodidata podem auxiliar outros educadores em sala de aula

“U

m adolescente sonhador que queria aprender inglês na década de 1990 em Rondônia”. Foi assim que se autodefiniu o professor de Inglês Denilso de Lima. Persistente, decidiu aprender o idioma por conta própria por meio de livros, já que o

curso do idioma no estado era difícil e caro. A proeza se transformou em trabalho e atualmente ele consegue ser dono do próprio negócio e obter reconhecimento nacional após investir em um *site* com dicas de aprimoramento para quem está aprendendo inglês. Em entrevista exclusiva para a Revista Appai Educar ele conta um pouquinho da sua história e dá dicas que podem ser aplicadas em sala de aula.

Tudo começou em 1989, quando Denilso teve o primeiro contato com a língua inglesa e decidiu que queria aprendê-la. “Na época eu estava com 12 anos de idade. Não sei bem o porquê, mas como adolescente teimoso e curioso eu simplesmente decidi que queria aprender aquela língua que vez ou outra aparecia em alguma imagem nos desenhos que assistia”, lembra Denilso. Anos depois, ele foi morar em uma colônia de americanos e conseguiu ser contratado como professor de inglês. Depois de muito se dedicar aos estudos e aos temidos exames da universidade de Cambridge, obteve titulações como o *First Certificate in English* (1998), o *Advanced Certificate in English* (1999) e o *Certificate of Proficiency in English* (2001), tidas como entre as mais difíceis do mundo.

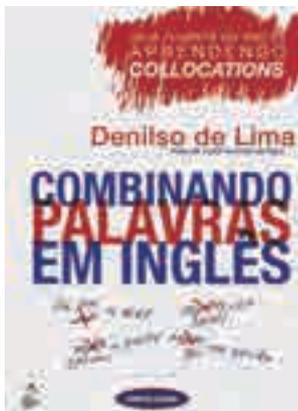
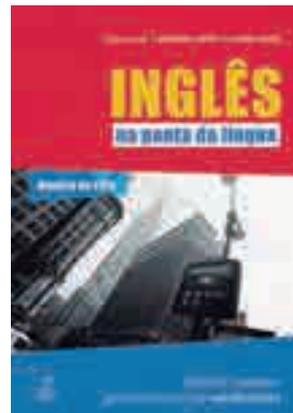
Ao longo desse longo processo, o professor conta que desenvolveu algumas técnicas para manter contato com o inglês e usar o que aprendia. Uma delas era falar sozinho e dormir pensando no idioma. “Eu fazia um resumo mental do meu dia e também das coisas que realizaria no dia seguinte. Ao assistir uma palestra, por exemplo, anotava as coisas em inglês, e também tinha uma espécie de diário no qual eu registrava como foi o meu dia, no percurso para o trabalho (dentro do ônibus), tudo na língua. Eu descrevia as pessoas em inglês ou falava para mim mesmo os números de telefone, ruas, placas de carros, etc. Quando eu estava no banco, médico, dentista, oftalmologista, enfim, em todos os lugares eu aproveitava para escrever sobre as pessoas e o ambiente através do idioma”, exemplifica.

Atualmente, o Denilso é autor de três livros voltados para Língua Inglesa. Todos eles com intuito de ajudar na sua aprendizagem de forma mais natural e sem complicações. O educador conta que a ideia do primeiro livro surgiu de modo não esperado. “Eu tinha diversas anotações no computador e um amigo disse que eu poderia viabilizar aquilo em formato de livro. Foi aí que organizei melhor as anotações e incluí algumas dicas que funcionavam para aprender inglês sozinho. Os demais livros vieram como consequência desse primeiro e também da minha experiência como especialista na área de ensino de inglês”, lembra.



INGLÊS NA PONTA DA LÍNGUA

Se você é estudante de inglês, o livro o ajudará a encontrar um rumo em seus estudos. Você pode estudar sozinho ou em uma escola de idiomas. No caso dos professores da língua a obra mostra modos diferentes de apresentá-la aos alunos. Não apenas isso, ele também traz dicas que os estudantes de inglês gostaram de receber em sala de aula. Portanto, pode ser um diferencial na preparação de lições por professores de inglês de qualquer escola.

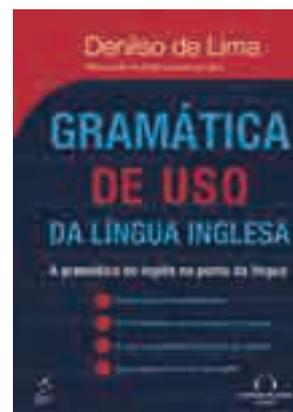


COMBINANDO PALAVRAS EM INGLÊS

Se você não consegue combinar as palavras em inglês ou tem dificuldades para passar mais naturalidade ao falar o idioma, saiba que este é o livro que o ajudará a resolver esse problema. Você já se perguntou por que às vezes usa as palavras “certas” ao falar com alguém, mas, ainda assim, a pessoa faz aquela cara de que algo soou estranho? Se sim, saiba que você está com problemas naquilo que os especialistas chamam de competência colocacional. O livro traz atividades (com respostas), material de áudio e uma espécie de minidicionário de *collocations* português-inglês.

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

É uma gramática diferente de todas as que você já viu por aí. Está cansado de regras, termos técnicos e coisas desse tipo? Então conheça este livro. Nele você aprende a gramática do inglês como ela é realmente usada no dia a dia de quem fala o idioma. Com uma linguagem simples e direta, o professor mostra ao estudante de inglês como a gramática da língua é mais simples do que parece. O livro é recheado de dicas, atividades com respostas, exemplos reais e muitas informações para ajudar o estudante de inglês a colocar em prática o que foi aprendido.



“Eu sempre escrevi aos autores e até hoje estou aguardando as respostas às dúvidas que eu tinha na época. Assim, eu dizia para mim mesmo que, se um dia chegasse ao nível desses autores, ajudaria as pessoas que assim como eu aprendiam inglês sozinhas”



Além dos livros, o professor administra um *site* (criado em 2007, com o objetivo inicial de divulgar o primeiro livro do professor), um canal no *YouTube* e outras mídias sociais. Além disso, era uma maneira de dar dicas extras a outras pessoas. “Quando eu estudava inglês sozinho, os livros que eu usava sempre tinham o endereço do autor para que pudéssemos mandar uma carta caso tivéssemos dúvidas sobre algum assunto. Eu sempre escrevi aos autores e até hoje estou aguardando as respostas de que eu precisava. Assim, eu dizia para mim mesmo que, se um dia chegasse ao nível desses autores, ajudaria as pessoas que assim como eu aprendiam inglês sozinhas”, garante Denilso.

Através do endereço eletrônico www.inglesnapontadalingua.com.br o professor disponibiliza materiais em diversos formatos: pdf, vídeos, *podcast*, cursos *on-line*, etc. Alguns desses conteúdos podem ser baixados gratuitamente. Atualmente o *site* tem mais de 2.500 mil dicas que vão de gramática e vocabulário a sugestões de como aprender inglês e materiais didáticos. Já o canal no *YouTube*, com mais de 24 mil inscritos, tem um conteúdo bem parecido com o *blog*, porém num formato diferente (vídeo).

O professor ressalta ainda que qualquer pessoa pode dominar uma língua estrangeira. “Tudo na vida é possível aprender, basta ter foco e dedicação. Uma pessoa, por exemplo, que deposita toda a esperança de aprendizado em alguém ou em uma escola de idiomas, e só faz aquilo que o outro pede para ela fazer e não vai além, não vai conseguir absorver tudo da melhor forma. Ela precisa entender que deve se envolver com a língua todos os dias e criar estratégias para aprender sozinha. Dessa forma, ela vai avançar muito mais e conseguir se virar sozinho”, finaliza Denilso.

8 ATIVIDADES LÚDICAS PARA ENSINAR LÍNGUA ESTRANGEIRA



CONTAR HISTÓRIA

As luzes da sala estão apagadas e os alunos na expectativa. Do lado de fora, você se prepara com

os acessórios necessários (como um chapéu ou uma espada de mentira) e já entra narrando, na língua estudada, as peripécias dos personagens. A pronúncia clara, os gestos e a entonação da voz ajudam a garotada a entender a narrativa. Essa atividade aprimora a compreensão oral da língua. O objetivo mais importante é despertar nos alunos a certeza de que têm capacidade de interagir com o idioma, ainda que não o dominem. Mesmo que a turma seja iniciante, histórias com vocabulário pobre devem ser evitadas.

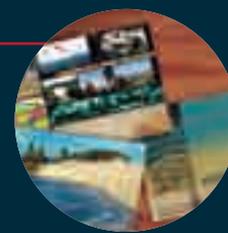


FILMES

Você lê com a classe a crítica de um filme escrita no idioma estudado. Ao assistir (sem legendas), os alunos

treinam a escuta e anotam as passagens que não conseguiram entender, para pesquisas posteriores. Em seguida, todos debatem sobre o filme e a crítica. A próxima etapa envolve a produção de resenhas. Essa atividade aprimora a redação de textos e o enriquecimento do vocabulário.

Além de algumas dicas citadas anteriormente, o professor precisa ter sucesso entre a garotada e ser eficiente pedagogicamente. Por isso, listamos oito atividades que podem ser desenvolvidas em todas as séries, desde que você adapte os conteúdos previstos no seu planejamento. Cabe ao professor decidir sobre a melhor forma de introduzir o uso da língua estrangeira como meio de comunicação. Na hora de dar as coordenadas à classe, pode haver a necessidade de usar a língua materna para evitar angustiar e inibir os alunos ou pode ser melhor usar, desde o começo, a língua estrangeira como forma de desafiar os estudantes a lidar com o diferente.



CARTÕES-POSTAIS

Aqui cabem parcerias com professores de outras disciplinas, como Artes, História

ou Geografia. Os estudantes produzem cartões-postais com imagens de pontos turísticos ou informações relevantes sobre a cidade escolhida. No verso, escrevem um pequeno texto, contando um pouco sobre o local escolhido e sobre eles próprios. Terminada essa etapa, o professor pode sugerir a troca dos postais com outra turma. A atividade permite utilizar a língua numa situação real de comunicação e aprimorar a redação de textos descritivos e informais.



MÚSICAS

Ao escolher canções para trabalhar em sala, é preciso primeiro definir os objetivos. Se a intenção é explorar conteúdos gramaticais, a letra deve trazer subsídios suficientes. O critério de seleção não se restringe somente às preferências da turma, mas juntar o útil ao agradável é sempre bom. A música serve para treinar a pronúncia e fazer com que os alunos identifiquem sotaques diferentes, conforme a origem do cantor. Essa atividade favorece bastante o vínculo dos estudantes com a língua.

FOLHETO TURÍSTICO

Os alunos vão achar divertido produzir um folheto bilíngue e ilustrado no computador ou manualmente. Eles podem fazer um levantamento dos pontos turísticos: igreja da praça central, museus, reservas naturais, parques, clubes. A atividade desenvolve conteúdos como construções imperativas ou sugestivas, uso de tempos verbais no presente e adjetivação.

LIVRO DE RECEITAS

Para começar, a turma lê receitas fáceis de preparar escritas na língua estrangeira. A tarefa seguinte é identificar palavras e expressões comuns nesse tipo de texto, como bater, misturar tudo, assar, untar. Depois de se familiarizar com a linguagem, a turma traz de casa a receita predileta e a escreve na língua estudada. Hora de colocar a mão na massa: ao ensinar os colegas a preparar os quitutes, os alunos são estimulados a enriquecer o vocabulário e ainda praticam a linguagem oral. Além dos verbos no imperativo e no infinitivo, eles aprendem a usar advérbios e locuções adverbiais.

Fonte: Nova Escola

PALAVRAS CRUZADAS

Nesta atividade, cada aluno inventa um jogo e desafia os colegas. Para o trabalho ser significativo, cabe a eles elaborar os enunciados na língua estudada, e não apenas fazer um exercício de tradução. Por exemplo: se a palavra a ser encontrada é "maestro" (professor, em espanhol), é mais desafiador que eles escrevam "la persona que enseña en la escuela" ("a pessoa que ensina na escola"), e não apenas o termo em português. Essa é uma maneira de estudar vocabulário e qualquer estrutura gramatical.

JORNAL

Ao produzir um jornalzinho, os estudantes são estimulados a escrever, pois abordam temas relacionados ao seu cotidiano. Eles se aproximam dos diversos gêneros jornalísticos ao redigir as colunas de horóscopo e de piadas, quadro de recados, contos e críticas culturais, entrevistas e cobertura de eventos. A turma pode procurar na internet *sites* de jornais do exterior, para saber como esses textos se organizam. E vai aprimorar a leitura e a redação. Se a escola não tiver acesso à rede, é importante conseguir um exemplar de jornal estrangeiro, mesmo que não seja recente, para mostrar à classe.

Professor, se você aplicou algumas dessas dicas em sala de aula envie um *e-mail* para a nossa redação (redacao@appai.org.br) contando como foi essa experiência. Caso tenha outras dicas e sugestões de atividades e/ou projetos, envie também um *e-mail* contando o passo a passo, para que possamos compartilhar com outros educadores.

■ Por *Jéssica Almeida*



MUSEU DO AMANHÃ

Um canal de diálogo através de novas tecnologias

Refletir coletivamente sobre os amanhãs possíveis, esse é o desafio do Programa de Educação do Museu do Amanhã. E que tal planejar um passeio com seus alunos para uma experiência incrível?

Com capacidade para receber 90 mil pessoas por ano, a equipe interdisciplinar promove visitas mediadas escolares visando debates entre professores e alunos através de eixos temáticos que dialogam com o futuro, como a relação do homem com o ambiente, o consumo sustentável, superpopulação, desigualdade, multiculturalidade, saúde, novas tecnologias e mundo do trabalho. A área externa do edifício, a Baía de Guanabara e a região histórica onde o museu está localizado, a chamada Pequena África, também são objeto de estudo.

As atividades educativas foram concebidas para incluir e conectar pessoas de diferentes faixas etárias, formações, regiões geográficas e contextos socioeconômicos. Em “Minha avó também faz ciência”, crianças e idosos são convidados a participar de atividades conjuntas, unindo saberes de diferentes formações e épocas, mostrando que o aprendizado é um processo constante. Já o fórum de debates “Manifestação” reúne jovens para refletir sobre o amanhã, com encontros que podem culminar com uma festa na Praça Mauá, em frente ao Museu. No curso modular “Por dentro do Amanhã”, cada experiência vivenciada no Programa é aprofundada.

De acordo com a gerente de Educação do Museu, Melina Almada, o trabalho tem como norte a formação em Ciência e Cultura, objetivando o incentivo ao desenvolvimento do pensamento científico, sempre desmitificando a ciência e aproximando-a do cotidiano.



As visitas educativas ao Museu do Amanhã são desenvolvidas a partir da ação direta do visitante na constituição do percurso. Cada grupo é apresentado a um tema que deverá ser explorado ao longo da Exposição Principal, no prédio ou no entorno do Museu. As temáticas abordadas são definidas pelo professor ou representante do grupo em conjunto com os educadores responsáveis pela visita, em contato prévio.

Para um bom andamento da atividade, recomenda-se uma quantidade mínima de acompanhantes, determinada em função da faixa etária: Crianças de 5 anos (grupo com 24 pessoas, sendo obrigatória a presença de 4 professores/responsáveis), de 6 a 7 anos (grupo com 34 pessoas, sendo exigida a participação de 4 professores/responsáveis), maiores de 8 anos (grupo com 40 pessoas, acompanhados de 4 professores/responsáveis) e Terceira Idade (grupo de até 30 pessoas por horário agendado).

O Museu ainda dispõe de programa que promove o diálogo à inclusão e à diversidade de abordagens, através de recursos de acessibilidade como audioguia, videoguia, piso e maquetes táteis. Por isso é preciso informar no agendamento se há no grupo pessoas com deficiência.

■ Colaboração: Richard Günter

Programa de Educação do Museu do Amanhã

Praça Mauá, nº 1 – Centro – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20081-262 **Tel.:** (21) 3812-1812

Horário de funcionamento: terça a sexta, de 10 às 16h (exceto feriados)

Obs.: Os grupos devem ter no mínimo 20 e no máximo 44 pessoas.

Inclusão

TELÉGRAFO INCLUSIVO



Experimento promove o aprendizado de alunos surdos e ouvintes

A parceria entre os professores de Física e o da sala de recursos possibilitou a participação de alunos surdos, do Ensino Médio do Colégio Estadual Canadá, na Feira Municipal de Ciências de Nova Friburgo e na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia na mesma cidade. Segundo Adriana Oliveira Bernardes, professora de Física e coordenadora do projeto, o processo desencadeado trouxe, além das experiências coletivas e pessoais, ricas contribuições para o debate sobre o aluno surdo na escola e a importância da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Para a realização do experimento, construção de um telégrafo inclusivo, chamado assim por possibilitar o aprendizado de alunos com e sem deficiência, foram desenvolvidas duas grandes ações reflexivas concomitantes. De um lado, o entendimento sobre o debate envolvendo o aluno surdo na escola e a importância da linguagem de sinais e, de outro, o ensino da Física com o desenvolvimento de experimentos e participação em feiras de ciências.

A realidade dos alunos com necessidades especiais, na maioria das vezes não remete à obtenção de um resultado de aprendizagem tão satisfatório como se espera. Segundo a professora Adriana Bernardes, mestre em ensino de Física pela Universidade do Norte-Fluminense (Uenf), são poucas as ações dos professores no sentido de oferecer outros recursos além dos destinados aos alunos ditos normais e é insuficiente o apoio para utilização ou elaboração de recursos inclusivos, que poderiam ser utilizados por discentes com ou sem deficiência.

A garantia legal, a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), do acesso e atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais na rede regular de ensino trouxe variados desafios. Estes vão desde os serviços de apoio específicos na escola para atender as peculiaridades da clientela de educação especial até a formação de professores em nível médio ou superior, para atendimento

especializado, passando pela capacitação de professores do ensino regular para atuar em integração com os educandos das classes comuns. Além disso, somam-se outros elementos, como o crescente número de matrículas anualmente, que é inversamente proporcional às condições ideais conforme determina a legislação.

Os desafios são muitos, e um deles é a manutenção de uma boa relação entre os professores regentes e o da sala de recursos, importante parceria para que a inclusão se dê numa perspectiva de qualidade na educação no caso do aluno com necessidades especiais. Mas também para o aperfeiçoamento da educação escolar para todos os discentes – com e sem deficiência –, de modo que a escola, seja pública ou privada, se torne apta a responder às necessidades de cada um de seus estudantes, conforme suas especificidades. Porém, há que haver disponibilidade interna para enfrentar as inovações, o que pode não ser algo comum aos professores em geral.



O grupo foi formado por três alunos do 1º ano do Ensino Médio, Débora Moraes, Carlos Eduardo Verly e Eduardo Marfot



O experimento criado pelo grupo possibilitava a comunicação através do Código Morse, que tanto emitia som (para os ouvintes) como luz, por meio de lâmpadas

“Já assisti a muitos conselhos de classe nos quais alunos surdos, reprovados em Língua Portuguesa, são defendidos pelos professores da sala de recursos, que consideram que o idioma é sua segunda língua, pois a primeira é a Libras”. Para Adriana, essas questões e outras controvérsias por surgir são importantes para o entendimento das situações vividas pelo aluno surdo na escola. O professor regente de Português nem sempre consegue ver o aluno surdo como alguém que vivencia em seu dia a dia outra língua, e conseqüentemente não entende suas limitações para o aprendizado de sua disciplina. Esse caso específico leva à discussão do respeito à Libras como o primeiro idioma do estudante surdo.

As crianças ouvintes aprendem a falar a partir da audição, o que naturaliza o aprendizado em convívio diário,

mas isso ocorre às crianças surdas por meio da Libras, que desempenha todas as funções de linguagem. A escola deve aglutinar em seu espaço de circulação da língua ou de conteúdos educacionais a cultura surda. “Acreditamos que apenas a partir de uma representação do surdo como capaz é que ele poderá também se perceber como capaz”, salientou Adriana.

No campo do ensino de Física, as dificuldades se ampliam. Em princípio, é uma matéria tida como de difícil assimilação. Grande parcela dos professores trabalha apenas com aulas expositivas. Outros recursos, como vídeos, experimentos, jogos, entre outros, não são utilizados de forma efetiva, o que ajudaria em muito a percepção do papel desempenhado pelo conhecimento da Física no desenvolvimento da tecnologia e a sua complexa relação com

a ciência ao longo da história, além de dinamizar e possibilitar uma relação dialógica em sala de aula.

Juntando as duas situações, estudantes surdos e ensino da Física, Adriana iniciou o processo com uma conversa com a professora da sala de recursos, para sondar se seus alunos poderiam participar do desenvolvimento de um experimento. E também para abordar sobre o entendimento de fenômenos físicos e a questão do estudante surdo e da desvalorização da língua brasileira de sinais.

Concordando sobre a importância do trabalho



Um dos desafios é a manutenção de uma boa relação entre os professores regentes e o da sala de recursos, importante parceria para que a inclusão se dê numa perspectiva de qualidade na educação no caso do aluno com necessidades especiais.

organizou-se um cronograma de reuniões para conhecimento do grupo, envolvendo temas como o experimento e o Código Morse, o entendimento dos fenômenos físicos relacionados ao experimento, explanação sobre a história do telégrafo, discussão da questão da Libras e apresentação nas feiras.

O grupo foi formado pela docente de Física Adriana Oliveira Bernardes, a professora da sala de recursos Maria Antonieta de Almeida, também intérprete de Libras, e três alunos do 1º ano do Ensino Médio – Débora Moraes, Carlos Eduardo Verly e Eduardo Marfot. O experimento já havia sido construído pelos alunos sendo usados 2 placas de madeira de 20 x 30 centímetros; 2 relês de buzina de carro; 2 lâmpadas com bocal; 2 interruptores; e fio paralelo (o tamanho depende da distância que se queira deixar entre emissor e receptor).

O experimento possibilitava a comunicação através do Código Morse, que tanto emitia som (para os ouvintes) como luz, por meio de lâmpadas. Os estudantes percorreram sobre vários

fenômenos, como corrente elétrica, efeito joule ou térmico, dissipação de energia, tensão, circuito aberto/fechado, circuito em série e em paralelo. Assim como contextualizaram o surgimento do telégrafo inventado por Samuel Morse em 1837.

Segundo a professora Antonieta, responsável pela sala de recursos, o projeto realizado foi muito importante para consolidar a relação entre o docente da disciplina e o da sala de recursos, sendo fundamental que todos estabeleçam uma relação dialógica para que o aluno surdo receba uma educação de qualidade. Os resultados obtidos com o projeto apontaram a necessidade de elaboração de um trabalho por alunos surdos numa parceria entre o professor de Física e a sala de recursos, possibilitaram o exercício do protagonismo dos estudantes e incentivaram a participação em eventos nos quais possam ser protagonistas. Tais resultados demonstraram que a proposta até então desenvolvida é um caminho viável e relevante, mas que carece de continuidade da parceria.

■ *Por Sandra Martins*

Colégio Estadual Canadá

Rua Jardel Holtz, s/nº – Olaria – Nova Friburgo/RJ

CEP: 28621-130 **Tel.:** (22) 3016-0180 **E-mail:** adrianaobernardes@bol.com.br

Coordenadora do Projeto: Adriana Bernardes

Fotos cedidas pela escola

ROLOU NA WEB



Toda semana você confere, no facebook e no *blog* da Appai, a coluna do professor e escritor Sandro Gomes, sobre história, arte e atualidades. Curta a nossa página no facebook e não perca esse conteúdo!



Agora você tem um bom motivo para baixar o twitter no seu celular! Siga a Appai e tenha acesso a conteúdos exclusivos, promoções culturais e concursos em primeira mão!

Voz do professor

“Venho por meio desta agradecer imensamente a atenção e todo carinho da Revista Appai Educar com nossa escola. Sou a coordenadora dessa instituição de ensino e tivemos o privilégio e emoção de recebermos a edição 97 onde nossa escola teve uma belíssima reportagem. Ficamos encantados como a repórter em suas palavras conseguiu descrever todo empenho, dedicação, objetivo da nossa apresentação. Sabemos que inúmeras são as escolas visitadas pela equipe de vocês e é incrível ver que isso não impede dos profissionais procurarem abranger e alcançar o mais terno e profundo de cada escola. Parabéns, equipe Appai Educar, vocês fazem valer a pena todo empenho de nós educadores e semeadores de um mundo melhor.”

Márcia Brito, do Centro Educacional Luciete Manhães, via e-mail.

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



“Caramba, não tinha noção do número de edição. Parabéns à equipe, pois é viciante folhear cada edição.” – Guilherme Côrte Real, via **Facebook**.



“Amo receber as edições e amo mais ainda quando apareço nas fotos das corridas, rs! #SouAppai.” - **@isabelleccf**, via **Instagram**.



“Appai que deveria ser chamada de mãe de tão boa que é. Sou muito satisfeita com todos os atendimentos.” - **@genimarta**, via **instagram**.

As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube – youtube.com/appairj

appairj.blogspot.com.br





*Leitura / Língua Portuguesa –
Tema escolhido pelos professores*

PARE TUDO O QUE ESTÁ FAZENDO E LEIA ESSA MATÉRIA

Em tempos de internet, WhatsApp e jogos eletrônicos, despertar o interesse dos nossos alunos tem sido tarefa difícil. Por isso, reunimos um time de especialistas para ajudar você, professor, com dicas e exemplos práticos que vão colaborar na construção de um caráter crítico e na mudança dessa postura que muitas vezes inibe a leitura.

Para comemorar a 100ª edição da Revista Appai Educar perguntamos para você, professor, através das redes sociais da Appai, quais os que gostaria de ver nessa edição mais do que especial. Entre os temas sugeridos, escolhemos “Atividades lúdicas para ensinar Língua Portuguesa” (enviada via Facebook por Meiryelle Mattar) e “O prazer que traz a leitura e como dividir esse gosto entre a escola e a comunidade” (enviada via Facebook por Rose Tavares). E para ajudar nessa missão entrevistamos três especialistas no assunto: Cilene de Oliveira, que é Bibliotecária e Mestranda em Biblioteconomia; Sheila de Oliveira Padilha, que trabalhou mais de 30 anos no magistério público e é pós-graduada em Literatura Brasileira; e Luciane de Assis Almeida, professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal Ary Barroso e elemento de equipe da Gerência de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade do Rio de Janeiro.

Antes de abordarmos o assunto em questão, Cilene e Luciane ressaltam a importância de entender a diferença entre o hábito da leitura e o prazer da leitura. Para elas, hábito é algo normalmente associado a atos que realizamos mecanicamente, que praticamos naturalmente ou por obrigação, sem necessariamente refletir sobre ele, como escovar os dentes, tomar banho, secar as orelhas ou andar de bicicleta, por exemplo. “Ler não é ato mecânico, mas intencional, cuja realização não ocorre sempre da mesma forma e que não pode ser confundido com o ato de pegar, com regularidade, um livro na prateleira ou de frequentar uma biblioteca do bairro toda semana, estes sim hábitos saudáveis e altamente recomendados. Do mesmo modo é muito recorrente a



A autora Eliane Pimenta, que também é professora e diretora de uma escola particular em Anchieta, sabe da importância de estimular nos alunos o gosto pela leitura



A leitura oferece inúmeros benefícios. Entre eles a ampliação de conhecimentos, a expansão do vocabulário e o estímulo da memória

Atividades como a leitura podem diminuir o risco de desenvolver o Alzheimer em cerca de 30%, segundo pesquisa. Manter o cérebro ativo e trabalhando previne a perda de força, pois trata-se de um músculo como outro qualquer do corpo, que requer exercícios para manter-se forte e saudável.

ênfase no chamado ‘prazer’ da leitura, sendo esta uma noção associada, muitas vezes, a uma ‘alegria compulsória’, sem compromisso com a constituição de conhecimentos”, esclarecem.

Além disso, as especialistas salientam que é preciso considerar que nem sempre a leitura gera prazer. Afinal, muitas vezes somos afetados pelo sofrimento dos personagens ou deixamos de lado uma leitura muito difícil para aquele momento, para mais tarde, e com mais maturidade, retomá-la. “E aí sim reside o prazer da leitura: se constituir numa aventura do conhecimento e do saber. Então, do hábito à prática prazerosa, ficamos com a definição de ‘gosto’. Lê quem gosta de ler”, explicam.

A leitura, como já sabemos, oferece inúmeros

benefícios. Entre eles a ampliação de conhecimentos, a expansão do vocabulário e o estímulo da memória. Mas o que talvez poucas pessoas saibam é que atividades como a leitura podem diminuir o risco de desenvolver o Alzheimer em cerca de 30%, segundo pesquisa. Manter o cérebro ativo e trabalhando previne a perda de força, pois trata-se de um músculo como outro qualquer do corpo, que requer exercícios para manter-se forte e saudável, além de auxiliar na capacidade de concentração. Afinal, atualmente, temos que fazer várias coisas ao mesmo tempo e isso aumenta o estresse, muitas vezes diminuindo a produtividade. Ao contrário, quando você está lendo, se envolve e presta atenção apenas na história.

A criança precisa ter sempre à mão diversos livros e outros materiais de leitura em casa e na escola. Outros espaços de leitura, como bibliotecas públicas e livrarias, também são muito importantes por favorecerem essas práticas



Cilene e Luciane explicam ainda que há diferença de uma criança que lê diversos livros para outra que não lê e isso pode influenciar na vida adulta. “Espera-se que uma criança de dez anos, do quinto ano escolar, saiba ler há, pelo menos, quatro anos. Nesse período, é importante que ela tenha tido acesso a diferentes materiais de leitura em variados suportes, não nos esquecendo de que filmes, programas de TV, peças de teatro e outras vivências culturais, muitas realizadas fora da escola, também façam parte de sua rotina. Quanto mais é estimulada nos diferentes campos, maior é seu repertório sobre o mundo, ou seja, abrem-se inúmeras portas para o conhecimento. Quando falamos em estímulo, é importante ressaltar que ele deve ser provocado desde a mais tenra idade. Alguns estudiosos apontam a importância deste contato já durante a gestação, outros sinalizam a necessidade de que o livro, de pano ou de banho, seja um dos itens indispensáveis na lista de presentes para o chá de bebê. Isso faz com que apareça como um objeto de valor cultural, sendo, desde cedo, parte da vida da criança e não um estranho, que só será apresentado mais tarde, na escola. Viver inúmeras experiências de leitura desde muito cedo faz com que a criança seja autônoma na escolha dos próprios livros e na tomada de decisões que lhe cabem, tenha opiniões diferentes das do senso comum e uma bagagem recheada de ideias”, esclarecem as especialistas.

Em relação à fase adulta, elas explicam que é importante que a experiência leitora seja fruto de uma trajetória, não apenas de momentos estanques. Uma criança que trilhou esse caminho será potencialmente um adulto mais crítico, criativo, que saberá fazer boas escolhas. Além de amadurecer sua consciência leitora, com certeza será um pai ou mãe capaz de proporcionar a seus filhos experiências semelhantes às que viveu, contagiando os outros com sua paixão. O ciclo continua.

COMO ESTIMULAR A CRIANÇA EM CASA E NA ESCOLA

A criança precisa ter sempre à mão diversos livros e outros materiais de leitura – como revistas, gibis, mangás e, é claro, suportes digitais, como os



Alguns estudiosos apontam a importância deste contato com a leitura já durante a gestação, outros sinalizam a necessidade de que o livro, de pano ou de banho, seja um dos itens indispensáveis na lista do chá de bebê

e-books nos *tablets*, *smartphones* e computadores pessoais – em casa e na escola. Outros espaços de leitura, como bibliotecas públicas e livrarias, também são muito importantes por favorecerem essas práticas.

Ler em família, conversar com os filhos sobre o que leem na escola, levá-los a espaços de leitura e eventos literários, dar livros de presente, são alguns dos exemplos que podem ser seguidos por pais interessados em contribuir na formação leitora de seus filhos. Conversar com os professores de seus filhos também pode ser um bom começo. Família e Escola devem caminhar juntas.

DIVIDINDO O GOSTO PELA LEITURA ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE

A escola deve ser um polo disseminador da leitura por intermédio da biblioteca escolar/sala de leitura, que deverá ser um espaço convidativo, a ser frequentado não só pelos alunos, para a leitura literária e pesquisa escolar, mas também pelos

Ler em família, conversar com os filhos sobre o que leem na escola, levá-los a espaços de leitura e eventos literários, dar livros de presente, são alguns dos exemplos que podem ser seguidos por pais interessados em contribuir na formação leitora de seus filhos.

professores, para ler ou buscar materiais de apoio para seu trabalho pedagógico, e, ainda, por toda a comunidade escolar (funcionários, responsáveis) e do entorno (vizinhança). Os alunos podem desenvolver ações de incentivo à leitura com campanhas de arrecadação/doação/empréstimo de livros e criando “clubes de leitura”, além de atuarem como monitores.

As bibliotecas públicas, assim como as comunitárias,

também poderão ser um ponto de encontro entre a comunidade e a escola, promovendo diversas ações para incentivo à leitura e a troca de ideias e experiências entre seus frequentadores. Nestes espaços a ampliação de repertórios e as trocas de experiências entre gerações de diferentes leitores podem ocorrer, contribuindo para o aprendizado de todos. “De toda forma, nos três âmbitos

(escola/biblioteca pública/biblioteca comunitária) os profissionais implicados – professor, bibliotecário, agente cultural ou mediador de leitura – precisam perceber que o leitor, já constituído ou em formação, é o personagem principal e que, como protagonista, deve circular nesses espaços, tendo a leitura literária como fio condutor para as experiências ali vividas e compartilhadas”, garantem Cilene e Luciane.

ATIVIDADES LÚDICAS PARA ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA

Contar histórias com dramatizações ou utilizando músicas e adereços para apresentar textos literários são práticas de muitos professores, quase sempre bem recebidas pelos alunos

A utilização de atividades lúdicas é uma das formas de envolver o aluno sem que ele se dê conta de que está aprendendo enquanto se diverte. E este é um aspecto a ser considerado nas diferentes disciplinas e não apenas no ensino da Língua Portuguesa. Por isso, reunimos dicas de quem entende do assunto, nossas três entrevistadas, Cilene, Luciane e Sheila:





A equipe da biblioteca e a autora reunida com os alunos em uma das atividades que o espaço oferece. Para saber mais, acesse bemrj.blogspot.com.br.

Contar histórias com dramatizações

ou utilizando músicas e adereços para apresentar textos literários são recorrentes nas práticas de muitos professores e muito bem recebidos pelos alunos. No entanto, cabe à escola oportunizar, igualmente, espaço para a simples prática da leitura e partilha de textos, silenciosamente ou em voz alta, individual ou coletivamente. Ler se aprende lendo, e o bom texto literário não requer apoio de outros recursos para se tornar mais divertido. Do contrário, se não contemplamos a diversidade de situações para promover o encontro entre leitores e livros, podemos levar os alunos à compreensão de que a leitura de textos literários só é válida quando acompanhada de outros recursos para intermediar esta relação.

Softwares educativos livres, como *Hot Potatoes* e *Edilim*, que permitem ao professor criar “tarefas” para mobilizar toda a turma, como caça-

palavras, jogos de perguntas e respostas (*quizz*) e cruzadinhas com palavras-temas-situações que sejam integradas aos conteúdos trabalhados. Na Secretaria Municipal de Educação do Rio Janeiro, por exemplo, foi criada, em colaboração com os professores, uma plataforma de aulas digitais, a Educopédia (www.educopedia.com.br), que, além das atividades relacionadas diretamente aos conteúdos programáticos, oferece aos professores duas áreas específicas coligadas à literatura: *Asas de papel*, voltada para os primeiros anos do Ensino Fundamental, e *Grandes Obras*, para os anos finais do Ensino Fundamental. Nessas áreas são identificadas sugestões de leitura de livros que estão no acervo da escola, com propostas variadas para ampliar e enriquecer a experiência literária. Outro recurso da plataforma é a Educoteca, uma biblioteca que oferece livros animados e diversos textos em PDF. A leitura no suporte digital incentiva o aluno que, em muitos casos, prefere a internet para se comunicar com os outros e descobrir o mundo.

Programa Rio, uma cidade de leitores

A Secretaria Municipal de Educação vem desenvolvendo o Programa Rio, uma cidade de leitores, que se estrutura a partir de quatro grandes linhas de ação, incluindo diversas iniciativas voltadas para: a constituição e atualização dos acervos das Salas de Leituras e Bibliotecas Escolares Municipais; a formação dos professores e bibliotecários; o desenvolvimento de projetos de incentivo à leitura e à formação de novos leitores e o gerenciamento específico destes espaços,

considerando sua estrutura e funcionamento. Para mais informações, acesse: rioumacidadedeleitores.blogspot.com.br.

Uma boa opção também para o leitor carioca, que pode ler os livros, revistas e jornais das bibliotecas, bem como aquele que vem de longe e queira se associar à Biblioteca Digital Árvore de Livros (bemrj.blogspot.com.br/p/bem-digital.html). Para conferir a programação completa, acesse: bemrj.blogspot.com.br.

Gincanas para mobilizar os alunos em torno de um assunto. Não de forma a incrementar rivalidades entre eles, mas para trabalharem cooperativamente, incentivando a ajuda entre os pares. Outras atividades, como exposição cultural (teatro, declamação, sessão lítero-musical, sarau), rodas de debate, de conversa, de leitura, clubes de leitura, tertúlias literárias, júris simulados (afinal, Capitu traiu ou não?), dinamizam a rotina das aulas, tornando-as mais lúdicas.

A **sala de aula invertida** também pode ser uma estratégia interessante. O professor pode criar um *blog* ou grupo numa rede social digital, em que apresentaria previamente

um tema, solicitando tarefas e oferecendo material de pesquisa, para na aula seguinte apresentar formalmente o conteúdo. Os alunos também costumam se envolver bastante com atividades que englobam o uso de jornais, revistas, textos publicitários, gírias, expressões populares, *slogans*, *jingles*, entre outros.

Dominó gramatical, que é um jogo com cruzamento de frases, com termos marcados e sua função sintática.

Debates relacionados a diversos assuntos, quando os alunos se posicionam contra ou a favor e escrevem frases que serão impressas para

distribuição na turma.

De tudo o que foi dito nos resta a certeza de que a melhor maneira de estimular uma criança a ler é sendo um exemplo para ela. É ser um educador (pai, mãe, avó, professor) leitor. Ler com ela e para ela. Ler também para si. Reservar um tempo para fruir textos literários em casa ou na escola.

Nossa equipe agradece todas as sugestões e comentários carinhosos enviados pelos associados. Estamos sempre de braços abertos para receber sugestões, elogios e críticas, através do *e-mail* redacao@appai.org.br.

■ Por *Jéssica Almeida*

Biblioteca Escolar Municipal da Glória – Pedro Nava

Rua da Glória, 214 – 2º andar – Glória – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20241-180

Tel.: (21) 2224-6257

E-mail: bibligloria@rioeduca.net

Horário de funcionamento: das 9 às 17 horas

Fotos: Marcelo Ávila



Língua Portuguesa

FALARES ORIUNDOS DE LÍNGUAS AFRICANAS NA CRIAÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA

Vamos agora para a última parte do nosso dossiê envolvendo a presença de usos linguísticos derivados de idiomas africanos no Português falado no Brasil. O nosso foco agora são as contribuições desses falares para a criação literária, o que aconteceu a partir da atitude artística de vários autores nacionais que, através de pesquisas, incluíram em suas obras elementos de idiomas trazidos até nós por meio dos povos escravizados da África.

Os prosadores do Regionalismo foram pródigos em apresentar essas construções em seus textos.

Um bom exemplo temos em José Lins do Rego.

*E com um feitor como Nicolau, **banzeiro**, de iniciativa quase da mesma espécie da minha.*

Esse período aparece no romance *Banguê*, onde o termo sublinhado é corrente no vocabulário usual da região abordada na obra, a zona açucareira nordestina. A palavra deriva de *banzo*, termo provavelmente de origem bantu, que se refere, entre outras coisas, à saudade que indivíduos tornados escravos tinham de sua terra de origem.

Gregório de Matos, o grande poeta do barroco brasileiro, é outro autor que registra uma grande abrangência de palavras de origem africana, fruto de da convivência intensa que manteve com usuários de tais falares na sua Bahia do século XVI. Acompanhe a seguinte quadra.

*O chouriço grande é paio / Não sabe ler a guariba,
/ Quem tem **carcunda** tem jiba, / Antes de Junho
está Maio.*

A palavra *carcunda* (pela forma culta, *corcunda*) aparece nesse poema satírico, sendo

derivada do quimbundo, e está presente até hoje no Português do Brasil e com o mesmo sentido. Também do Boca do Inferno se extrai outro exemplo de palavra oriunda da África, também do quimbundo, e abundantemente usada em nosso falar cotidiano.

Xinga-te o negro, o branco te pragueja / E a ti nada te aleja.

Pra finalizar, um trecho do poeta pernambucano Ascenso Ferreira, integrante do movimento modernista, que utilizou muitos termos de origem africana em seus textos recheados de abordagens de costumes e falas populares de sua região.

*- Nem uma lâmina d'água no rio exausto, / Em cujas areias as emas **esmolambadas** / espojam-se a gritar!...*

O termo sublinhado deriva de *molambo*, palavra quimbunda que significa “trapo” ou pano velho ou gasto. Um termo muito corrente no falar de todo o país, e que aqui aparece em pleno processo de derivação de palavras característico da Língua Portuguesa, utilizando prefixo e sufixo.

Amigos, muitos outros exemplos poderíamos mostrar de como os nossos escritores, ao abordar os falares e sentidos do idioma corrente, nos deixaram um grande acervo de palavras de origem africana, que muito demonstram o teor de sua contribuição para uma prática linguística indiscutivelmente brasileira. E assim encerramos a série de matérias abordando os falares de origem africana que integram o Português do Brasil, e esperamos ter oferecido a nossa contribuição para o ensino da história e da cultura africana, a partir dos fenômenos da língua portuguesa corrente em nosso país.



Educação Infantil

CRECHE “CORTA AS ASAS” DO AEADES AEGYPTI

A galera miúda usa o lúdico no combate ao mosquito e demonstra a sua força



Durante a culminância, os pequenos apresentaram paródias, teatro, citação de textos e exposição de cartazes

Dariamente os noticiários divulgam dados sobre o aumento dos casos de doenças causadas pelo *aedes aegypti*. Dentro das escolas, a realidade preocupa ainda mais quando alunos, professores e funcionários precisam se ausentar para tratar os sintomas das doenças causadas pelo mosquito. Diante dessa situação, a equipe pedagógica da Creche Municipal Lindaura Amorim decidiu utilizar o potencial da escola para conscientizar a comunidade sobre a importância da prevenção. O projeto *Xô Contra Dengue!* reuniu uma série de ações envolvendo pais, alunos e profissionais de educação.

A primeira fase do projeto começou a ser desenvolvida em sala de aula, a partir de conversas com os próprios alunos. Em seguida, foram repassadas informações sobre o processo de evolução do mosquito, suas características, como identificar os focos e as formas de prevenção e combate à doença. Com o projeto a escola pretende ser uma parceira no combate ao inseto. “A intenção é informar os estudantes sobre o problema tão sério que a nossa sociedade está vivendo. Queremos mostrar bons exemplos para que eles reproduzam na comunidade”, explica Jaqueline de Oliveira, diretora adjunta da unidade.

Mesmo tendo como tema um assunto tão importante, o lúdico foi a principal ferramenta de conscientização. Ao longo de várias semanas, os alunos foram estimulados a identificar imagens do *aedes*, produzir paródias e peças de teatro, confeccionar cartazes, assistir vídeos educativos, identificar possíveis focos e, com isso, se tornarem agentes multiplicadores no combate ao mosquito.

“Estamos vivendo uma situação caótica de saúde pública. Alunos e professores estão sendo afastados da rotina escolar por causa das

três doenças causadas pelo inseto, os hospitais estão lotados. O objetivo é que, através do lúdico, as crianças consigam fixar as informações a ponto de reproduzi-las para a família”, afirma Claudia Alice Dourado, orientadora pedagógica da Creche.

Mesmo antes da culminância do projeto, a semente plantada ao longo de semanas começou a dar bons frutos. Nas conversas informais em sala de aula os alunos começaram a trazer informações sobre os cuidados que é preciso ter e o que eles passaram a perceber na região onde moram. “As crianças já chegavam dizendo: ‘Tia, não pode deixar água parada, tem que cuidar do quintal’”. Percebo que eles conseguiram entender a mensagem e cada um já está fazendo a sua parte”, conta Claudia Patrícia Albuquerque, professora das crianças de três anos. “É importante falar sobre a dengue em todos os lugares, e a escola é importantíssima nesse processo. Trabalhamos para conscientizar os alunos e fazer com que repassem o conhecimento para a família e assim vencermos a mosquito”, complementa a educadora.





Percorreram também um percurso a fim de identificar possíveis focos do mosquito, como reservatórios sem tampa, lixo e objetos que poderiam acumular água parada

Danúbia Chaves, professora das crianças de quatro anos, diz que o lúdico foi fundamental no processo: “Durante as aulas com vídeo e teatro eu pude perceber que, por causa de nossas ações, os alunos absorveram o conteúdo com mais facilidade. Eles contavam sobre as conversas com os pais sobre o lixo, a caixa de água, o uso do repelente e a evolução do mosquito”, descreve a professora.

A aula passeio também foi um dos métodos de ensino utilizados pelas educadoras. Elas percorriam um pequeno percurso com as crianças a fim de que pudessem identificar possíveis focos do mosquito, como reservatórios sem tampa, lixo e objetos que poderiam acumular água parada. “Quando elas podem participar do processo o resultado é muito melhor. Passávamos pelos

locais e já iam apontando o que estava correto e citando práticas erradas. Com isso, foi possível perceber que aprenderam e estão levando a informação para casa”, declara Danúbia Chaves, professora da pré-escola.

A unidade de Educação Infantil, que atende 270 crianças divididas em 17 turmas, está localizada no bairro Jardim Meriti, em São João de Meriti. No dia da culminância os responsáveis puderam assistir a apresentação das crianças, onde através de paródias, teatro, citação de textos e exposição de cartazes elas demonstraram tudo que foi trabalhado ao longo de semanas. Parte do material exposto no dia foi produzido com componentes reciclados de forma a evitar que houvesse acúmulo de água e, conseqüentemente, proliferação do *aedes aegypti*.

■ *Por Marcela Figueiredo*

Creche Municipal Lindaura Amorim

Rua Pastor Joaquim Rosa, 499 – Jardim Meriti – São João de Meriti/RJ
CEP: 25555-681 **Tel.:** (21)2650-3087 **E-mail:** creche.l.amorim@gmail.com
Fotos: Marcela Figueiredo



Educação Física / Olimpíadas 2016

ESCOLA É DESTAQUE NO HÓQUEI SOBRE A GRAMA

Iniciativa cria expectativas de um futuro diferente através do esporte

Com bastões de madeira e uma bola com três centímetros de diâmetro, o hóquei sobre grama leva emoção ao público desde os Jogos de Londres 1908 e será disputado nas Olimpíadas Rio 2016. A modalidade é destaque na Escola Municipal Rosa da Fonseca, em Deodoro, bairro onde também está localizado o primeiro campo oficial do esporte no país, construído em 2007 para os XV Jogos Pan-Americanos.

A ideia do projeto surgiu em 2006, a partir da instalação na proximidade da escola dos Campos Oficiais de hóquei para o Pan-Americano 2007. O administrador do Clube dos Subtenentes e Sargentos da Vila Militar (CSSVM) foi quem fez o contato entre a diretora Márcia Motta e o Técnico Internacional Eduardo Righi. A partir desse momento os alunos da escola eram acompanhados aos campos pelos professores Isidro Souza, Patrícia Nogueira, Carla Reis e Tânia Mara para conhecer essa modalidade muito pouco conhecida nessa época.

O objetivo inicial era disseminar a prática desse esporte entre os alunos da escola e ir descobrindo futuros potenciais talentos para implantar a modalidade na região. O Colégio Duplar Pires de Melo, que ficava perto dos campos, também fazia parte da parceria com o CSSVM. A partir daí, foi criada uma escolinha chamada Deodoro/CSSVM, onde os estudantes tinham a chance de aprimorar suas técnicas e participar de campeonatos estaduais e nacionais.

O Técnico Internacional Eduardo Righi lembra que o ano de 2011 foi incrível para o projeto, pois os alunos Victor Douglas, Tatiane Oliveira, Diana Oliveira, Leandro dos Santos, Beatriz Santos, Giovanni Barboza, Alice Aparecida e Yasmin Ramalho se consagraram campeões brasileiros masculino e feminino na categoria Sub-17. Também nesse ano, o hóquei foi incorporado ao maior Campeonato Estudantil do Brasil, o Intercolegial O Globo, que tem 34 anos de história. O técnico garante ainda que a Escola Municipal Rosa da Fonseca foi pioneira na competição de hóquei e

participa desde 2011 de todas as edições. Em 2012, por uma mudança na Administração do Clube, a Universidade Castelo Branco abraçou o projeto e continuou dando suporte aos alunos da escola com instalações e materiais de qualidade. Em 2013, o projeto foi inserido no Programa Mais Educação já com a diretora Cristiane Vidal e o Técnico Eduardo Righi como monitor de Esporte e Lazer. As turmas que participam são a do 7º, 8º e 9º ano com interação de outras modalidades como tênis de mesa, futsal, handebol e rúgbi.

A aluna Alice Aparecida Queiroz Coelho, de 19 anos, conta que pratica o esporte há 7 anos e o conheceu através da escola. “Logo depois da aula de demonstração comecei a frequentar os treinos e não parei mais. Conciliava as atividades esportivas com os estudos e sempre fui bastante dedicada aos dois. Tínhamos um time da escola que participava de competições interescolares. O Rosa da Fonseca foi o pioneiro e continua sendo um forte

concorrente entre as escolas que praticam o hóquei. Graças a ele, hoje tenho uma área de profissão definida para seguir: Educação Física. E continuarei atuando pelo esporte também nessa minha futura jornada”, afirma a aluna.

O técnico ressalta que o projeto alcançou inúmeros resultados, como o ouro nos Jogos da Pátria, além de prata e bronze no Intercolegial O Globo. Além disso, muitos atletas surgidos na escola conseguiram bolsas de estudo para o Ensino Médio em colégios de qualidade, e agora a Universidade Castelo Branco outorgou bolsa para ex-alunos da instituição na carreira de Educação Física. Os alunos também participaram de Intercâmbios Internacionais em 2015 e 2016 com a visita da célebre Universidade Americana Johns Hopkins e o time feminino da Argentina Carlos Paz.

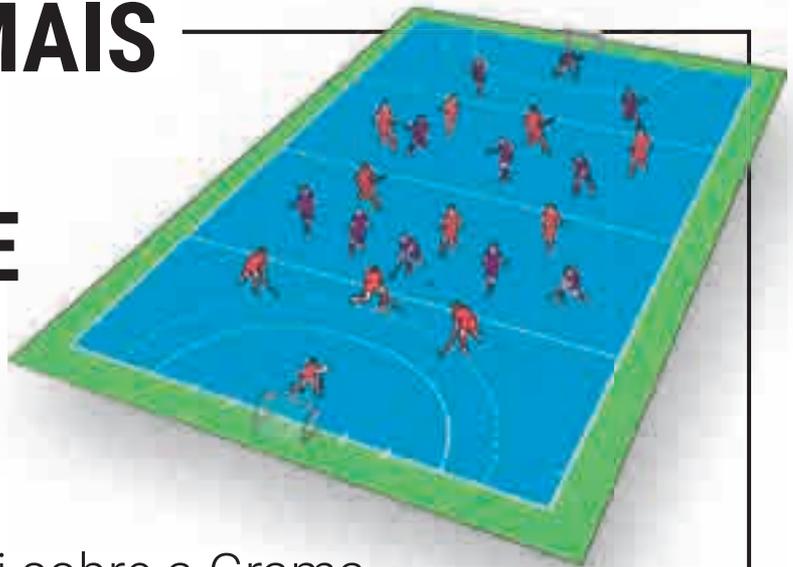
De acordo com a coordenadora pedagógica Patrícia Nogueira, o projeto se mostrou extremamente importante para a comunidade por despertar nas crianças uma

grande melhoria na autoestima, proporcionar experiências em competições e também por criar expectativas de um futuro diferente através deste esporte que ainda é pouco conhecido pela maioria dos brasileiros. “A escola vê este trabalho como mais uma ação significativa visando a inclusão e o desenvolvimento da cidadania de seus alunos. Neste sentido o trabalho de parceria do técnico Eduardo com a equipe de profissionais da unidade escolar, de acordo com as propostas pedagógicas da escola, é fundamental. Atualmente, a instituição é conhecida por formar atletas com grande potencial para atuar em equipes de hóquei na grama”, finaliza a coordenadora.

O objetivo do projeto é disseminar a prática desse esporte entre os alunos e ir descobrindo futuros potenciais talentos



CONHEÇA MAIS UM POUCO SOBRE ESSE ESPORTE OLÍMPICO



As regras do Hóquei sobre a Grama

DURAÇÃO

As partidas são divididas em quatro períodos de 15 minutos.

EQUIPES

Cada equipe conta com 11 jogadores, incluindo o goleiro, que é o único que pode tocar a bola com o corpo. Ele usa proteção na cabeça, no tronco, nas pernas e nos braços.

CÓRNER CURTO

Faltas cometidas dentro da área pontilhada são punidas com um córner curto, lance em que a bola é rolada para a área a partir de uma posição na linha de fundo.

GOLS

Os gols só podem ser marcados de dentro do semicírculo traçado a um raio de 14,63m do centro da linha de fundo. A baliza tem 2,14m de altura por 3,66m de largura.

Equipamentos

Tacos: são feitos de fibra de carbono, *kevlar* e fibra de vidro. Pesam entre 350 e 700 gramas e não podem ultrapassar 5 centímetros de diâmetro.

Bola: é feita de plástico e cortiça, pesa cerca de 160g e possui 3 cm de diâmetro.

Informações: www.rio2016.com

■ Por *Jéssica Almeida*

Escola Municipal Rosa da Fonseca

Praça Marechal Hermes, 30 – Vila Militar – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21615-140 **Tels.:** (21) 3017-7032 / 3017-7016

E-mail: emrfonseca@rioeduca.net **Site do projeto:** www.deodorohoquei.com

Fotos cedidas pela escola

WHATSAPP COMO SUPORTE À EDUCAÇÃO



O AÇÃO



Debora Cristina Schilling Machry

é bióloga formada pela Unisinos, especialista em Microbiologia. É professora de Ciências das redes pública e privada. Já foi Supervisora da Educação Ambiental do município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Conselheira no Conselho do Meio Ambiente e interlocutora na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Atualmente, escreve artigos de opinião para jornais regionais e coordena projetos socioambientais.

Já pensou em usar o *WhatsApp* para estudar? A professora de Biologia, especialista em Microbiologia, Debora Cristina Schilling Machry implantou essa metodologia com seus alunos e revela que a prática tem dado resultados satisfatórios. A educadora decidiu usar o *App* para enviar textos para o corpo discente ler em casa e discutir, posteriormente, em sala de aula.

Insistente na questão da escrita e da leitura, mostrou aos seus alunos que, assim como os músculos do corpo, o cérebro também precisa se exercitar, e que, lendo, ele realiza essa função.

A ideia surgiu quando ela percebeu que a maioria dos alunos não gostava de ler além de apresentar falta de concentração, sendo necessária motivação contínua para estudar. Debora revela que tinha muita dificuldade na correção das atividades, devido aos inúmeros erros ortográficos cometidos por eles. “Decidi trabalhar a leitura de uma forma que envolvesse os estudantes. O problema é que a ideia era utilizar o celular para isso e, apesar de ser uma ferramenta incrível, seu uso é proibido em sala de aula”.

Para solucionar este problema, a professora resolveu a questão de outra forma. “Comecei a escrever artigos para a seção de opinião dos jornais de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula com os 6º, 7º e 8º anos. Depois, eu tirava foto da página do jornal com o artigo publicado e mandava para meus alunos pelo grupo do *WhatsApp*, para que eles pudessem ler em casa pelo celular”, revela.

Após esse primeiro contato via *smartphone*, uma lição de casa é proposta, na qual o aluno deve responder a questão “o que o artigo pode mudar ou alterar na aprendizagem em casa?”. Os

estudantes, então, passam a relatar as aplicações do que leram, bem como mandam fotos de animais que acham curiosos para trabalhar em aula ou, até mesmo, denunciar entulhos de lixo para que se tome devidas providências com a prefeitura. “A participação no grupo é também um trabalho social. Dessa forma, eu sei que estão aplicando o conhecimento passado presencialmente”, ratifica a professora.

Na aula seguinte, Debora faz a hora do conto científico com a turma, para ler o artigo e discuti-lo, num ambiente personalizado. “Apago as luzes, levo uma vela ou vamos ler na rua, o que acaba envolvendo os estudantes”, afirma. De modo geral, é um projeto bem diferente aplicado na unidade escolar, pois os professores têm receio do celular por se tratar de uma nova ferramenta à qual nem todos se adaptam. “Eu mesma não tinha um *smartphone*, ganhei

há pouco tempo. Foram os alunos que me ensinaram a usar o aparelho. Algumas coisas eu ainda não sei fazer, mas vou aprender. Eu perdi o medo”.

O grupo do *WhatsApp* é mais um recurso didático que está sendo praticado como uma educação continuada. “Eu nunca usei a tecnologia desse jeito, então estou achando ótimo. Os alunos estão aderindo aos poucos, mas todos que compõem os grupos participam bem. Eles estão mais concentrados e conseguem entender melhor o que eu falo nas aulas. A leitura facilitou muito a aprendizagem”, enfatiza Debora.

A educadora Debora Machry revela ainda que essa é a sua vocação. “É na escola que eu consigo realizar meu trabalho socioambiental. Sou respeitada pela minha profissão. Tudo isso me motiva a não desistir e me faz acreditar que a educação ainda vai ser valorizada”, finaliza.

3 formas para tornar os alunos mais participativos com ferramentas *on-line*

As redes sociais de Debora Machry também servem de exemplo. Constantemente, a educadora faz postagens sugerindo boas ferramentas *on-line* que possam auxiliar os alunos na hora de produzir conteúdo acadêmico. Esses recursos digitais podem ser ótimas alternativas para

deixar a metodologia de ensino mais atrativa e estimular a participação dos educandos. Abaixo, sugerimos alguns desses mecanismos que podem tornar os alunos mais interativos em sala de aula, bem como deixar os estudos mais dinâmicos e consequentemente mais divertidos.



Google Drive

Acesse: www.google.com/drive

Além de estimular os trabalhos em grupo com troca de informação, a plataforma permite que o aluno crie e compartilhe textos, planilhas e apresentações. Essa ferramenta pode ser utilizada para incentivar o trabalho colaborativo, já que é possível manter os documentos editáveis para todos os participantes do grupo.



Animoto

Acesse: www.animoto.com

O vídeo é uma linguagem que chega com facilidade aos estudantes e tem grande potencial de segurar a atenção e gerar compartilhamento. Esta ferramenta de uso fácil é destinada à criação de apresentações audiovisuais. A plataforma também disponibiliza tutoriais que auxiliam os professores a criarem os vídeos educativos com inclusão de clipes, textos e imagens. É possível, ainda, compartilhar os vídeos através de *e-mail*, *site* ou *blog*. O trabalho também pode ser postado no YouTube.



Easel.ly

www.easel.ly

Infográficos são recursos didáticos valiosos para ilustrar as informações e facilitar a compreensão do que está sendo comunicado. Este recurso ajuda a construir infográficos criativos e inovadores, além de disponibilizar ferramentas para melhorar o que você criou e tornar o conteúdo mais claro e atrativo.



Blogger

www.blogger.com

Esta plataforma pode ser uma ótima ferramenta de aprendizado, já que permite criar um canal personalizado para a turma compartilhar *links*, textos e outros materiais extracurriculares. O formato permite uma linguagem menos formal e pode ser um espaço para publicação dos trabalhos dos alunos, o que se torna um estímulo para tarefas mais criativas que poderão ser compartilhadas em suas próprias redes sociais.



Thinklink

www.thinglink.com

O hipertexto é uma linguagem muito familiar para os estudantes que são grandes usuários dos textos de internet. Esta ferramenta oferece a possibilidade de adicionar hipertextos multimídias no material didático das aulas. Ela permite incluir em uma apresentação uma série de opções interativas, balões explicativos, vídeos, *links*, fotos e imagens, tornando o conteúdo mais rico e interessante.

Essas são apenas algumas possibilidades. Muitas outras ferramentas *on-line* podem ser incorporadas ao plano de aula para ajudar você, professor, a estimular a participação dos seus alunos.

■ Colaboração: Richard Günter

Fonte: Porvir





Alfredina Nery

Literatura Infantil

DO ERA UMA VEZ AO FELIZES PARA SEMPRE

Textos com narrativas mágicas e maravilhosas podem formar leitores para a vida toda, além de levar as crianças a refletir acerca dos valores morais

Quem nunca ouviu a famosa frase “Era uma vez”? Crianças, jovens e adultos durante muito tempo ouvem histórias contadas por pais e amigos, e repassam de geração em geração as aventuras e os encantamentos das personagens dos contos de fadas. Na escola, a prática da contação de histórias pode ajudar no desenvolvimento da imaginação e na criatividade dos alunos. Através dessa atividade, alguns fatores negativos podem ser evitados mediante o encantamento encontrado nas narrativas.

Um dos compromissos do professor, quanto à aprendizagem nos anos iniciais da alfabetização, é, de forma criativa e significativa, despertar nas crianças o gosto pela leitura e escrita e conseguir atender as necessidades daquilo que viveram ou vivem, influenciando-os para um processo de conhecimento através dos livros e da escrita de um modo geral. Trabalhar contos de fada é uma das muitas formas que mexem com o poder significativo nas crianças, através do encantamento e seus diferentes valores literários.

"...a contação de contos sempre foi um dos elementos de maior destaque na literatura destinada às crianças..."



A leitura do mundo mágico e fantasioso faz com que elas associem ou diferenciem os acontecimentos da sua vida real, construindo suas preferências, formando seus próprios conceitos. Para Alfredina Nery, mestre em psicologia da educação e consultora pedagógica na área de linguagem, através dos contos de fadas a criança percebe o zelo, o amor, o belo, o bem e o mal, a delicadeza da alma, a maldade, a coragem, o medo, a confiança, a solidariedade, a criatividade, fortalecendo a sua autoestima, tecendo seu próprio conhecimento, além de tornar-se um apreciador da leitura.

Na prática, a contação de contos sempre foi um dos elementos de maior destaque na literatura destinada às crianças, pois é através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam e do simbolismo que está implícito nas tramas e personagens, que muitas vezes as crianças são levadas a resolver os seus conflitos interiores.

A divisão das personagens em boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas, facilita a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Se transmitida através de uma linguagem simbólica durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos são categorias de valores inacabáveis. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”.

No entanto, para que essa realidade se concretize, pais e professores precisam criar situações nas quais as crianças ouçam muitas histórias, de forma que seja proporcionado por meio da oralidade o primeiro contato com o texto, porque ouvir também é uma forma de ler. A contação ou leitura das obras é uma condição essencial para os professores de educação infantil trabalharem a leitura vinculada ao lúdico com seu corpo discente. De acordo com Piaget (2003), os pequenos adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio em que se está inserido. Nesta fase, ouvir histórias (principalmente os contos), entre outras atividades, é uma possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

Para Ana Maria da Silva, colunista do Portal Educação, “o maravilhoso dos contos de fadas faz com que aos poucos a magia, o fantástico, o imaginário deixem de ser vistos como pura fantasia para fazer parte da vida diária de cada um, inclusive dos adultos ao permitirem em muitos momentos se transportarem para este mundo mágico, onde a vida se torna mais leve e bem menos trabalhosa”.

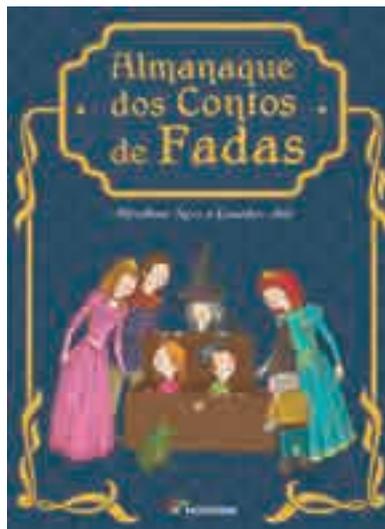
Uma obra que desvenda o que há por trás das narrativas mágicas e maravilhosas

**Sugestão de leitura*

Os contos de fadas são tão famosos entre as crianças que saíram dos livros e conquistaram o teatro, o cinema, a televisão. Mas o que há nesses contos que encantam pessoas de todas as idades e os tornam inesquecíveis? A educadora Alfredina Nery e a socióloga Lourdes Atiê foram em busca dessas respostas e apresentam tudo o que desvendaram no livro *Almanaque dos Contos de Fadas*, lançado pela Editora Moderna.

As histórias são frutos da imaginação, relacionadas à magia, sonhos, surpresas e seres inexistentes, mas o nascimento delas vai muito além do imaginário. As autoras descobriram que o estilo nasceu com Charles Perrault, que as criava para distrair e ensinar lições aos seus filhos. Não é à toa que são facilmente assimiladas por todos nós.

Em conjunto com a criatividade, as autoras trabalham circunstâncias humanas legítimas, colocando em evidência conflitos de gêneros, relações com a sociedade e sentimentos vividos por todas as pessoas. É a união de imaginário,



O livro traz a biografia dos escritores de maior destaque no gênero, com um texto repleto de curiosidades sobre a origem dos principais personagens e épocas em que nasceram

amor, medo, ódio, angústia, transformações e reviravoltas que leva ao leitor um enredo fascinante e atemporal. E, no fim, o “felizes para sempre” pode simbolizar uma medalha por todos os obstáculos que os personagens ultrapassaram.

O livro traz a biografia dos escritores de maior destaque no gênero, com um texto repleto de curiosidades sobre a origem dos principais personagens e épocas em que nasceram.

Com a ajuda da obra, as peças começam a se encaixar, tornando possível entender o processo de criação das histórias e o contexto em que elas surgiram.

As ilustrações também são de uma riqueza única. O leitor encontra um compilado de desenhos de grandes artistas que se destacam nos contos de fadas, oferecendo a possibilidade de conhecer o desenvolvimento criativo real das histórias. A obra convida a participar de brincadeiras com os enredos instigando a criatividade. A análise do mundo dos contos é capaz de auxiliar o desenvolvimento do imaginário e a percepção dos valores humanos.



Como trabalhar conto de fadas em sala de aula?

A iniciação da leitura na Educação Infantil pela criança é necessária e fundamental. Por isso, existe uma importância máxima do papel do professor, que tem a responsabilidade de proporcionar aos alunos espaços adequados de leitura, transformando-a em situações prazerosas de aprendizagem.

Abaixo, um passo a passo, montado com base em entrevista a Alfredina Nery, da Editora Moderna, além de consultas ao material de suplemento didático do livro “Almanaque dos Contos de Fadas”, com sugestões de atividades elaboradas por Carla Caruso, professora de Letras formada pela PUC-SP, que auxiliará você, professor, a conduzir seu projeto pedagógico sobre esse assunto.

1º MOMENTO: Antes de começar a apresentar o livro para seus alunos, pergunte qual dos contos de fadas lido foi o mais marcante? E qual é o personagem mais inesquecível? E, ainda, quem eles gostariam de ser? Explique que os contos são narrativas curtas e suas histórias se reproduzem a partir de um motivo principal, que transmitem conhecimentos e valores comportamentais ao longo de muitas gerações e apresentando um herói ou uma heroína enfrentando grandes obstáculos, mas triunfando sobre o mal.

2º MOMENTO: Comente sobre as principais personalidades que, ao longo dos anos, contribuíram para a difusão dos contos de fadas, assim como outras histórias infantis. Como sugestão, apresentamos os irmãos Grimm, Charles Perrault e Monteiro Lobato. Este último muito conhecido pelas crianças brasileiras.

3º MOMENTO: Peça que os alunos lancem ideias de como era viver, por exemplo, no ano da publicação do primeiro livro de contos de fadas (1697), chamado “Os contos da mamãe gansa”, do francês Charles Perrault, século XVII para o XVIII, isto é, há mais de 300 anos. Dessa maneira, é possível transformar os alunos em historiadores e lançar, num primeiro momento, hipóteses. Assim, eles já entram no clima dos contos de fadas, que são de um tempo muito distante.

4º MOMENTO: Para aproveitar as ideias apresentadas, seria interessante instigar os alunos a pensar o que é infância a partir da experiência de vida deles. E, a partir daí, imaginar e pesquisar sobre outras realidades vividas por crianças, por exemplo, as do Brasil. Como será a infância de alguém que vive na roça, em pleno sertão nordestino ou na favela? Ou ainda numa grande cidade como Rio de Janeiro ou numa localidade bem pequena.

5º MOMENTO: Havia um tempo em que as pessoas se juntavam para ouvir histórias. Pergunte aos alunos se eles já viveram a experiência. Não precisa ser apenas as narrativas literárias, mas também relatos de avós, pais, tios, amigos. Questione os alunos: Qual é a importância de saber ouvir e contar histórias?

6º MOMENTO: Muitas histórias que eram narradas oralmente passaram para a linguagem escrita. Sugira uma atividade para que os alunos vivenciem esta questão. Um gravador será necessário. Um aluno conta para a classe uma história, que tem que ter começo, meio e fim. Ela será gravada e, em seguida, a classe terá que produzir a narrativa. É importante não antecipar que as crianças terão que escrever. A partir do resultado das histórias escritas, comparar com a gravação e ver as diferenças que existem entre a linguagem oral e a escrita. Após, pode-se comparar a questão dos tempos: qual processo demora mais? O oral ou escrito? Ou o que é possível na oralidade que não é na escrita (exemplo: a gestualidade, a mudança da voz etc.). Anotar todas as diferenças e também as semelhanças entre uma e outra.

7º MOMENTO: Leve um conto de fadas (um não tão conhecido) e narre-o para os alunos. Peça que desenhem uma determinada cena da história. Depois dos trabalhos prontos, faça uma pequena exposição e veja as diferenças entre eles. Tente fazê-los ver como cada um imaginou a cena, o personagem etc., e observe com a classe alguns aspectos estéticos, cores, disposição na folha, o tamanho dos personagens. Pense com eles o quanto a imagem também conta a história e pode influenciar nos significados do texto. Aproveite para que os alunos olhem atentamente as ilustrações do livro e pesquisem sobre alguns ilustradores clássicos como Arthur Rackham e Edmund Dulac.

8º MOMENTO: Organize a classe em trios e peça que, a partir de uma história escolhida, busquem na internet espetáculos, peças de teatro, dança, óperas, que tenham como tema o conto de fadas em questão. Seria muito interessante traduzir o título da história para outras línguas e fazer uma nova pesquisa. O vídeo, imagem ou texto escolhido pode ser apresentado para a classe. Diga aos alunos que não se esqueçam de escrever os nomes dos autores das obras (por exemplo, o diretor de cinema, o dançarino, a atriz etc.). E, se houver um espetáculo em cartaz que seja interessante para a abordagem desse tema, aproveite para organizar uma saída em grupo.

9º MOMENTO: Faça uma lista de contos de fadas que estejam disponíveis na biblioteca de sua unidade escolar. Pergunte aos alunos o que é uma biografia. Chame a atenção deles para a própria palavra “biografia” composta de: bio (vida) e grafia (escrita). A partir daí, divida a classe, cada grupo lê sobre a vida e obra de um dos autores e depois apresenta para os outros grupos.

10º MOMENTO: Com a mesma lista de contos criada no 9º momento, peça aos alunos que escolham uma das obras mencionadas e leiam sua história. Depois, eles devem fazer um resumo e apresentá-lo para a classe junto aos demais colegas que escolheram o mesmo livro.

Ressalta-se ainda que, para aproximar o aluno da leitura, faz-se necessário que o educador atribua à literatura uma finalidade prazerosa e não apenas cumpra obrigações na escola ou no trabalho, pois só assim será possível formar leitores para a vida toda.

Projeto pedagógico promove contação de histórias para alunos da LBV

O Centro Educacional José de Paiva Netto, da Legião da Boa Vontade (LBV), no Rio de Janeiro, localizado no bairro de Del Castilho, promoveu uma manhã divertida e ao mesmo tempo educativa para seus educandos. O ator Amon de Castro foi convidado a realizar uma contação de histórias para os alunos do 1º ano.

O artista desenvolveu uma dinâmica de grupo em que usou objetos e brinquedos para que os estudantes construíssem com ele uma história. “Tentei trazer hoje uma coisa um pouco diferente, que forçasse a criatividade, a imaginação, que é muito importante para se desenvolver na fase da infância, fazendo com que eles ajudassem também a construir uma história, participassem ativamente para que vissem que têm capacidade de criar, de imaginar, de exercitar e fazer o que quiserem da mente”, disse Amon.

Já a atriz e diretora de teatro Isadora Studart passou uma tarde inesquecível com as crianças em comemoração ao Dia Internacional do Livro Infantil, quando realizou uma atividade lúdica e educativa contando para os alunos das turmas do pré-escolar histórias bem conhecidas pela garotada, consideradas clássicos da literatura infantojuvenil: “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela e a Fera”. Em ambas as obras, havia sempre valores éticos e morais que corroboraram de forma educativa a formação da Cidadania Ecumênica dos alunos.

O aluno Enzo, de apenas 5 anos, comprovou o que aprendeu: “A Bela falou pra Fera que ele tinha que ser bom, educado e gentil com todo mundo. Mesmo com a aparência feia, ele tinha um bom coração”. Outra aluna que adorou a atividade foi Tainá, também de 5 anos: “Gostei da Bela e a Fera porque o amor chega pra qualquer pessoa, pra todo mundo”.

Para Studart, “resgatar o dom da imaginação, da fantasia, narrar em palavras contos clássicos são ingredientes importantes para a formação das crianças, incentivando-as a serem futuros leitores”, ratifica.

■ Colaboração: Richard Günter

Centro Educacional José de Paiva Netto da Legião da Boa Vontade (LBV)

Avenida Dom Hélder Câmara, 3.059 – Del Castilho – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21050-624 **Tel.:** (21) 3297-7100 **E-mail:** lbv@lbv.org.br

Direção: Márcia Quesada

Fotos: Priscilla Antunes



O artista desenvolveu uma dinâmica de grupo em que usou objetos e brinquedos para que os alunos construíssem com ele uma história

SUMÁRIO

02 OPINIÃO

O rádio e a integração nas escolas
Caminhos do educador na sociedade líquida

10 TEMA TRANSVERSAL

Ser índio não é estar nu ou pintado, não é algo que se veste

20 ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL / LÍNGUA ESTRANGEIRA

Inglês na ponta da língua

27 GUIA HISTÓRICO

Museu do Amanhã

33 WEB

Rolou na web

34 LEITURA / LÍNGUA PORTUGUESA

Creche "Corta as Asas" do Aedes Aegypti

44 EDUCAÇÃO INFANTIL

Creche "Corta as Asas" do Aedes Aegypti

52 TECNOLOGIA

WhatsApp como suporte à Educação

CAPA

Em comemoração a sua 100ª edição, a Revista Appai Educar apresenta o seu novo projeto gráfico. Mais moderno, atraente e fácil de ler, as mudanças se destacam principalmente na tipografia, na marca e na diagramação, mas, sobretudo, na interatividade com você, professor.



04

NOS ACORDES DOS BRASIS

Músicas de Maria Bethânia introduzem alunos no mundo da leitura, poesia e arte



28

TELÉGRAFO INCLUSIVO

Experimento promove o aprendizado de alunos surdos e ouvintes



48

ESCOLA É DESTAQUE NO HÓQUEI SOBRE A GRAMA

Iniciativa cria expectativas de um futuro diferente através do esporte



56

DO ERA UMA VEZ AO FELIZES PARA SEMPRE

Textos com narrativas mágicas e maravilhosas podem formar leitores para a vida toda, além de levar às crianças a refletir acerca dos valores morais